

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O SIGNIFICADO DO PLANEJAMENTO DE
ENSINO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR, DE
CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

Daniela Pereira Lopes

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal de Uberlândia, para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Uberlândia – MG

Dez/99

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O SIGNIFICADO DO PLANEJAMENTO DE
ENSINO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR, DE
CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA.**

Daniela Pereira Lopes

ORIENTADORA: Profa Ms. Nora Ney Santos Barcelos

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal de Uberlândia, para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Uberlândia – MG

Dez/99

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O SIGNIFICADO DO PLANEJAMENTO DE
ENSINO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR, DE
CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

Daniela Pereira Lopes

Aprovada pela Banca Examinadora em 22 / 12 / 1999

Nota: 100

Nora Ney Santos Barcelos

Profa Ms. Nora Ney Santos Barcelos
Departamento de Biociências – UFU
(Orientadora)

Ana Maria de Oliveira Cunha
Universidade Federal de Uberlândia
Centro de Ciências Biomédicas
Profa Ana Maria Coelho Carvalho
Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas

Ana Maria de Oliveira Cunha

Profa Dra Ana Maria de Oliveira Cunha
Departamento de Biociências - UFU
(Conselheira)

Cecília Lomônaco de Paula

Profa Dra Cecília Lomônaco de Paula
Departamento de Biociências
(Conselheira)

“Devemos aproveitar ao
máximo nosso tempo- é
preciso lutar por nossos
sonhos, e temos de concentrar
nossos esforços neste
sentido.”

Paulo Coelho

Dedico este trabalho a todos
os anjos da minha vida, que
me ensinam a cada dia a não
desistir de lutar por aquilo que
me faz feliz.

Dedico a vocês, meus grandes
e verdadeiros amigos.

*"Estar vivo é estar em conflito permanente,
produzindo dúvidas, certezas sempre questionáveis.
Estar vivo é assumir a educação do sonho no cotidiano.
Para permanecer vivo, educando a paixão,
Desejos de vida e de morte, é preciso
Educar o medo e a coragem.
Medo e coragem em ousar.
Medo e coragem de assumir a solidão de ser diferente.
Medo e coragem em romper com o velho.
Medo e coragem em construir o novo.
Medo e coragem em assumir a educação desse drama,
cujos personagens são nossos desejos.
Educar a paixão (de vida e morte) é lidar com
esses dois ingredientes cotidianamente,
através da nossa capacidade, força vital (que todo ser humano
possui, uns mais, outros menos, em outros anestesiada) e
DESEJAR, SONHAR, IMAGINAR e CRIAR.
Somos sujeitos porque desejamos,
imaginamos e criamos; na busca permanente da
alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade,
de uma sociedade mais justa, da felicidade
a que todos temos direito.
Este é o drama de permanecer VIVO... Fazendo educação!"*

Madalena Freire

AGRADECIMENTOS

“Às vezes passamos dias ou semanas inteiras sem receber nenhum gesto de carinho do próximo. São períodos difíceis, quando o calor humano some, e a vida se resume a um árduo esforço de sobrevivência. Devemos examinar nossa própria lareira. Devemos colocar mais lenha, e tentar iluminar a sala escura de nossa vida. Quando escutarmos nosso fogo crepitando, a madeira que estala, as histórias que as labaredas contam, a esperança nos será devolvida. Se somos capazes de amar, também somos capazes de sermos amados.”

Agradeço a Deus pelo dom de amar as pessoas que me cercam e mais ainda, por ter me presenteado amigos como meus pais, minhas irmãs, meus cunhados e minhas crianças que são sempre uma chama acesa em minha lareira.

Agradeço a Ele pela vida da minha ‘chefe’ que além de minha orientadora foi meu exemplo e minha luz. Obrigada por sua paciência, compreensão e sabedoria a mim transmitida.

Agradeço a uma pessoa muito especial, que veio completar a minha vida e dar mais brilho a minha existência.

Agradeço aos colegas que contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada. Que Deus ilumine a vida de cada um e os abençoe sempre.

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi conhecer o que pensam e como sentem os estagiários de Biologia frente à prática do Planejamento de Ensino. Ao se depararem com a idéia de elaborarem um Planejamento de Ensino e executá-lo em uma sala de aula, muitos licenciandos se sentem perdidos, sem saberem o que fazer e por onde começar, conseqüentemente procuram modelos já prontos para reproduzirem. Isso leva à elaboração de um Planejamento sem reflexão e que provavelmente não garante uma aprendizagem significativa. Às vezes a falta de esclarecimento sobre o seu significado, sua estrutura e importância levam os licenciandos a acreditarem que o Planejamento é desnecessário na formação do professor e mais ainda, que não existe relação teoria- prática pedagógica em educação. É necessário que essas concepções mudem no quadro da Habilitação Licenciatura, é preciso conscientização dos graduandos em Ciências Biológicas desde o início de sua formação, ao ingressarem na Universidade. É preciso também que haja interdisciplinariedade entre as disciplinas pedagógicas, principalmente porque as mesmas constituem alicerce para que os licenciandos possam chegar à Prática de Ensino com fundamentação teórica suficiente para aplicarem em sala de aula.

PRÉ - REFLEXIVO

Ingressei na Universidade Federal de Uberlândia no Curso de Ciências Biológicas em Julho de 1995. Ao longo do curso tive algumas experiências, extra curriculares independente da universidade, como professora de Ciências no ensino Fundamental. Ao observar o cotidiano escolar, do ponto de vista do professor, venho percebendo o quanto a escola e em especial a sala de aula constitui um laboratório de pesquisa.

Tais constatações têm me acompanhado durante o curso e traduzidas como preocupação com o papel da universidade na formação de professores e com o papel das escolas de ensino Fundamental e Médio em relação ao processo Ensino-Aprendizagem.

Questões como o que deve ser feito para melhorar o ensino, levaram-me a optar por cursar as duas habilitações oferecidas pelo referido curso, na perspectiva de que através da realização da Licenciatura integrada ao Bacharelado, estaria pesquisando questões da educação, mais especificamente, sobre a questão do Planejamento de Ensino no processo de formação de professores de Ciências e Biologia, cuja realidade faço parte .

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO.....	01
1.1 – Histórico do Curso de Ciências Biológicas e disciplinas pedagógicas.....	01
1.2 – Referencial Teórico.....	08
1.3 – Problema.....	13
1.4 – Objetivo.....	14
1.5 – Justificativa.....	14
II – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	15
III – RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	21
3.1 – Opção pela Licenciatura, concepção sobre Ensino e Planejamento na formação do professor: a questão do Planejamento segundo a amostra 01 – estagiários do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.....	21
3.2 – Visão de Ensino e formação do professor segundo a amostra 02 – licenciados do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.....	62
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

- Quadro 01 – Disciplinas pedagógicas no Curso de Ciências Biológicas – UFU a partir de 1992.....04
- Quadro 02 – Descrição das Amostras, do Método e dos Instrumentos da pesquisa.....20
- Quadro 03 – Significado do Planejamento de Ensino, críticas e sugestões para a Prática de Ensino segundo 3 sujeitos representativos da amostra 01.....55
- Quadro 04 – Visão de Ensino, de formação do professor e de Planejamento, segundo os sujeitos da amostra 02.....69
- Figura 01 – O que deverão “saber” e “saber fazer” os professores de Ciências.....09

INTRODUÇÃO

1.1 - Histórico do Curso de Ciências Biológicas e disciplinas pedagógicas

Em virtude do objetivo da presente pesquisa, será feito aqui apenas um breve histórico sobre o Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia. BARCELOS (1991) relata a trajetória deste Curso desde 1970, enfatizando as modificações ocorridas no mesmo e ressaltando neste contexto a regulamentação da profissão do Biólogo; a disciplina Prática de Ensino, que objetiva a formação do Biólogo-professor e a criação do bacharelado, que objetiva a formação do Biólogo-pesquisador, tanto na área específica como na área educacional.

Fundada em 1960 e incorporada à Universidade de Uberlândia em 1969, a Faculdade de

Filosofia , Ciências e Letras de Uberlândia teve autorização do Conselho Universitário desta Universidade para fazer funcionar o seu primeiro curso na área de Ciências - Licenciatura, assim intitulado Curso de Ciências - Licenciatura do 1º ciclo. Com início em 1970, o objetivo desse curso era formar professores de ciências e matemática para o ensino ginasial, já que se fazia necessário a presença desses profissionais nessa época. O curso era noturno, seriado e com três anos de duração.

Somente em 1972, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Uberlândia teve autorização para fazer funcionar o seu segundo curso na área de Ciências - Licenciatura, denominado curso de Ciências Biológicas Licenciatura Plena, com o objetivo de formar professores de ciências e biologia para o magistério de 1º e 2º graus respectivamente.

Em 1980, foi regulamentada a profissão de biólogo e o currículo sofreu algumas alterações propostas para o Curso de Ciências Habilitação em Biologia da Universidade Federal de Uberlândia, objetivando a melhoria da formação profissional do

licenciando - biólogo, agora com direito a concorrer a oportunidades de trabalho mais abrangentes.

Desde 1972 o Curso de Ciências Biológicas faz parte da Universidade Federal de Uberlândia, antiga Universidade de Uberlândia, o qual sofreu ainda outras modificações e alterações no currículo . A partir de 1992, além da licenciatura oferece a habilitação bacharelado, sendo que ambas habilitações possuem quatro anos de duração distribuídos em oito períodos, podendo o graduando optar por uma ou pelas duas opções concomitantemente ou não, sem prioridade por uma das habilitações.

O Bacharelado constitui-se basicamente da elaboração e execução de um projeto de pesquisa em qualquer campo da biologia ou em educação. Tal pesquisa deve ser realizada no período mínimo de um ano, encerrando com a apresentação e defesa de uma monografia. Na Licenciatura, o graduando conta com um ano e meio, no mínimo, para cursar as disciplinas pedagógicas, tendo como meta a articulação de três eixos fundamentais: Planejamento, Ensino-Execução e Avaliação. Considerando GAGLIARDI & GIORDAN (1986), quando menciona os mesmos eixos, diz que, em síntese são eles "os mecanismos de compreensão do aluno, as estratégias pedagógicas e o conteúdo propriamente dito do ensino".

Para obtenção do título de licenciado biólogo professor, o aluno deve cursar um rol de disciplinas específicas que constam do básico e duas disciplinas optativas na área de educação; além das disciplinas pedagógicas obrigatórias, como pode ser visto no quadro a seguir. Vale ressaltar que a nova LDB (Leis de Diretrizes e Bases), de 1996, determina que a carga horária da Prática de Ensino deve ser de 300 horas aula. Isso implica em um aumento de 60 h na carga horária de Prática de Ensino no Curso de Ciências Biológicas da UFU, a partir de 2002.

Quadro I - Disciplinas pedagógicas no Curso de Ciências Biológicas - UFU a partir de 1992.

Período	Disciplinas obrigatórias	Carga horária
6º	Didática Geral	60 horas/aula
7º	Estrutura Func. Ensino	60 horas/aula
	Psicologia Educação	60 horas/aula
	Metodologia Ensino	45 horas/aula
	Projeto Integrado de Práticas Pedagógicas	45 horas/aula 30 horas/aula
8º	Prática de Ensino de Ciências	120 horas/aula
	Prática de Ensino de Biologia	120 horas/aula

A disciplina Prática de Ensino tem também o seu histórico dentro das mudanças curriculares, desde a implantação do Curso de Ciências Biológicas. Na tentativa de oferecer uma formação pedagógica, cada vez melhor, para o futuro biólogo - professor, a Prática de Ensino realiza estágios supervisionados em escolas da rede pública e em escolas privadas de Uberlândia. O estágio é uma forma de introduzir o licenciando na escola, sob a orientação de professores supervisores da universidade, que o auxiliam na solução das dificuldades que venham surgir.

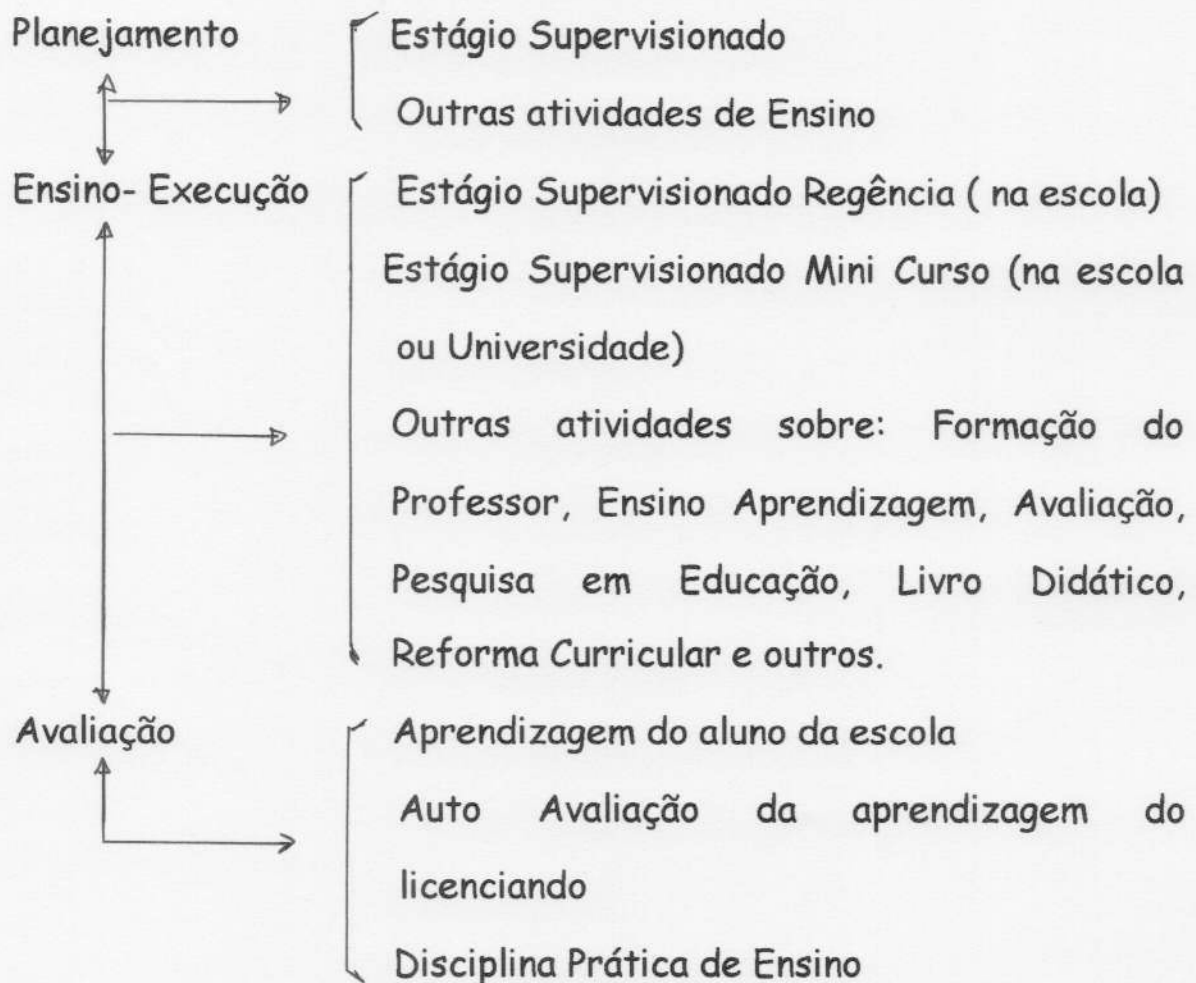
Entende-se por Estágio, um conjunto de atividades de aprendizado do ensino que envolve elementos da realidade escolar, incluindo o aluno, o professor, o diretor e funcionários de secretaria. Neste sentido vale ressaltar o objetivo das atividades da disciplina Prática de Ensino, segundo KRASILCHIK (1996)

"As atividades de estágio em escolas de 1ª e 2ª graus realizadas pelos futuros professores devem formar o cerne de qualquer Prática de Ensino, pois delas derivam a análise da realidade que os alunos enfrentarão em suas atividades profissionais e sobre as quais deverão atuar como agentes de mudança.

O estágio é portanto um canal de comunicação que liga os cursos de formação de professores do Ensino Superior ao Ensino Fundamental e Médio, numa

perspectiva de troca de conhecimentos, daí levando informações de estudo da realidade e necessidades das instituições de ensino envolvidas no processo, bem como influxo de novas idéias."

A Prática de Ensino de Biologia na UFU, considerando as possíveis variações, pressupõe :



Vale ressaltar que o Estágio para a prática docente na UFU, inicia-se no 7º período, quando o aluno curso a disciplina Projeto Integrado de Práticas Pedagógicas-PIPP. Nesse momento

ele realiza uma primeira modalidade de Estágio - o Estágio de Observação, como parte de um projeto chamado "Conheça uma Escola", que tem como objetivo vivenciar de perto a dinâmica da escola nas relações entre os alunos e entre estes com os professores. Os licenciandos elaboraram um relatório que é um registro* "sobre o conhecimento que o professor veicula em sua aulas, o clima da sala de aula, a metodologia utilizada, a relação teoria e prática, entre outros". Segundo KRASILCHIK (1996):

"estágios de observação são aqueles em que o estagiário está presente sem participar diretamente da aula. Na condição de futuro professor, o licenciando deve ir a escola e ver a mesma de um ângulo muito diverso do que viu na condição de estudante, precisando de instruções e orientações sobre o que buscar e focalizar. Os seguintes aspectos podem ser considerados no estágio de observação: situação geral da escola, nível cognitivo das aulas, 'clima' afetivo, organização das aulas, observações gerais e incidentes críticos, entre outros."

Especificamente no semestre 99/02, na disciplina PIPP, os licenciandos estagiários elaboraram um Planejamento de Ensino com uma carga horária de 12 à 20 horas/aula sobre determinado conteúdo a ser executado na modalidade Estágio - Regência que é

*Critérios extraídos da ficha da referida disciplina no segundo semestre de 1998.

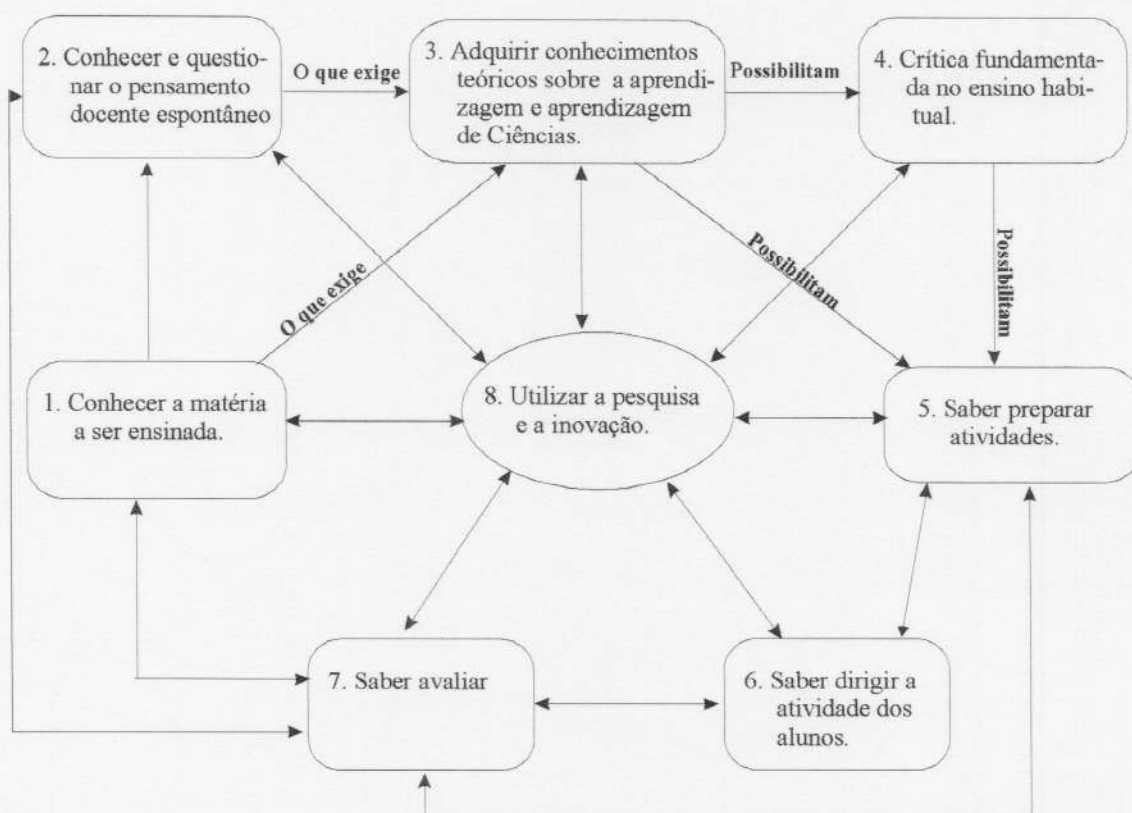
obrigatoriamente supervisionado por um professor da Universidade.

1.2- Referencial Teórico

Falar sobre Planejamento de Ensino na formação do professor requer uma retomada sobre a disciplina Prática de Ensino - PE que, na UFU, tem como objetivo oferecer aos estagiários condições para agirem sobre o objeto de estudo: o ensino e a aprendizagem, visando uma tomada de consciência por parte deles sobre suas próprias concepções buscando a construção do próprio modelo de ensino.

O quadro a seguir, mostra o que os professores de Ciências deverão "saber" e "saber fazer", segundo CARVALHO & GIL-PÉREZ (1993). Proposta baseada, de um lado, na idéia de aprendizagem como construção de conhecimentos com as características de uma pesquisa científica e, de outro, na necessidade de transformar o pensamento espontâneo do professor sobre o "saber" e o "saber fazer".

Figura 01 - O que deverão "saber" e "saber fazer" os professores de Ciências.



Fonte: CARVALHO & GIL-PÉREZ (1993).

Ainda no campo da aquisição de conhecimentos necessários à formação profissional, GIL & CARVALHO apud TRIVELATO (1994), falam de "um tratamento teórico sobre a aprendizagem de Ciências, capaz de questionar e transformar o modelo tradicional, muito difundido e baseado na transmissão de conteúdos já elaborados. Insistem na necessidade de questionar o conhecimento docente espontâneo sobre ensino e aprendizagem".

Segundo TURRA *et al.* (1981), o professor que deseja realizar uma boa atuação docente, sabe que deve participar e

organizar planos em diferentes níveis de complexidade para atender , em classe, seus alunos. Para ela

"Planejamento de ensino é um processo de tomada de decisões bem informadas que visam à racionalização das atividades do professor e do aluno, na situação ensino - aprendizagem, possibilitando melhores resultados e, em consequência, maior produtividade.

O planejamento tende a prevenir este professor, em condições de estágio, oferecendo maior segurança na consecução dos objetivos previstos, bem como na verificação da qualidade de ensino que deverá ser executada por ele".

Mas o que é planejamento? Para MARTINEZ & KLAHORE (1977), em geral, "entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização do emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original".

Planejamento é um processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. Para FREIRE (1997), "o ato de planejar não é meramente fabricar planos; ele é um processo ininterrupto,

permanente, cujo desafio é lançar-se na re-elaboração diária de novos planejamentos", e ainda ressalta que "o improvisar é importante na ação pedagógica desde que o educador tenha consciência, controle do que está improvisando. Para isso ele terá que ter organizado seu planejamento. Ter uma ação planejada significa que o educador tem claro seus objetivos. O que espera alcançar com cada atividade ou com determinado encaminhamento".

Freire nos mostra que todas as ações dos professores devem ser planejadas, pensadas e elaboradas, a fim de tornar a aprendizagem mais significativa.

MENEGOLLA & SANT'ANNA (1997), completam esse conceito afirmando que "o planejamento da educação deve ser de tal maneira que não venha a restringir todo o potencial da pessoa, impedindo que ela se autodetermine, que possa escolher seus valores, seus caminhos, estabelecer suas direções e tomar suas decisões". Isso quer dizer que o planejamento não deve se prender no conteúdo e tempo, mas sim ser voltado para o aprendizado do aluno, que é o objetivo final do ensino.

Para MARTINS (1997), não se deve esquecer que

"o planejamento é alimentado pela observação que é o reflexo de um sensível olhar, pelo registro, muito além da anotação do diário de classe; pela reflexão, que implica em confrontar a prática vivida com a teoria do

outro e a do próprio professor, que norteia depois a avaliação, que encaminha a um novo planejamento".

Com relação a formação de professores e a planejamento de ensino, TRIVELATO (1994) acredita que deve-se ter em mente alguns aspectos, tais como:

"Como selecionar a melhor atividade para desenvolver determinado assunto sem conhecê-lo em profundidade? Como planejar uma modalidade didática sem a habilidade de discriminar o que é essencial? Como orientar os alunos sem ter plena consciência de onde se espera que eles cheguem? Como implementar uma metodologia mais participativa temendo as questões que os alunos possam formular?"

Para VASCONCELOS (1999), "planejamento escolar é concebido como processo que envolve a prática docente no cotidiano escolar, durante todo o ano letivo, no qual o trabalho de formação do aluno, através do currículo escolar, será priorizado." Assim o planejamento existe antes, durante e depois do Estágio. Eis aqui os primeiros impasses do licenciando - estagiário no início de sua prática docente:

- Como montar o Planejamento de seu estágio , que tem como objetivo prever o que há de melhor para ensinar?

- Será que a execução do Planejamento se dá apenas no âmbito da sala de aula e ocorre exatamente como o planejado?
- Quais as concepções de Planejamento e de Ensino que o estagiário traz quando opta pela Licenciatura e conseqüentemente inicia as disciplinas pedagógicas?
- O que o estagiário efetivamente aprende sobre Planejamento durante o seu curso de formação de professor?
- Até que ponto o Planejamento de Ensino ajuda o licenciando a enfrentar os desafios de uma sala de aula; e finalmente,
- O que ele gostaria de acrescentar de sua vivência na escola que poderia contribuir para um replanejamento?

1.3- Problema

A questão que se apresenta é como o licenciando - estagiário vivencia o dia a dia da sua formação docente, antes e após a entrada na sala de aula. O que mudou na sua formação e conseqüentemente na sua concepção de Planejamento de Ensino ao final das disciplinas de Prática de Ensino? É na tentativa de responder essas questões que essa pesquisa ^{foi}~~será~~ desenvolvida.

1.4 - Objetivo

Conhecer o que pensam e sentem os estagiários do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas frente à prática do Planejamento de Ensino.

1.5 - Justificativa

Esta pesquisa tem por finalidade obter elementos indicadores que possam contribuir para a melhoria na formação de futuros professores biólogos, bem como auxiliar os acadêmicos no processo de opção pela habilitação Licenciatura, campo de formação de profissionais para a escola do futuro.

II- TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa foi realizada segundo uma abordagem qualitativa, uma vez que se configura nas características descritas por MENGA & ANDRÉ (1986). O ambiente da presente pesquisa é, portanto, o Curso de Ciências Biológicas, mais especificamente, o da formação pedagógica.

A pesquisa se enquadra também segundo os mesmos autores, num estudo de caso, uma vez que o caso se caracteriza por constituir uma unidade dentro de um sistema amplo, ser distinto e singular, mesmo que possa ter similares. Uma outra característica é que o relato do pesquisador permite ao leitor fazer suas generalizações. O caso em estudo refere-se à visão de ensino, de planejamento e de formação de professores segundo licenciandos do referido curso.

A pesquisadora é aluna da Habilitação Bacharelado e ao mesmo tempo participa da pesquisa por ter sido na época da coleta de dados, aluna da Habilitação em Licenciatura. Portanto, esta pesquisa constitui uma investigação do ensino, do qual a própria pesquisadora faz parte, servindo de estímulo para pensar na proposta de MOREIRA (1988) quando fala sobre "o professor-pesquisador como instrumento de melhoria do ensino de ciências".

Para tanto a clientela desta pesquisa compõem-se de oito alunos do Curso de Ciências Biológicas. Cinco deles estavam cursando simultaneamente à pesquisa as disciplinas: Projeto Integrado de Práticas Pedagógicas (PIPP) no sétimo período e Prática de Ensino de Ciências e Biologia (P.E.), no oitavo período. Esses licenciandos são denominados aqui Gap, Faf, Ale, Deg e Cac e compõem a amostra 01. A pesquisadora acompanhou esses licenciandos durante dois semestres, convivendo com eles de todas as questões referentes à formação de professores, pois também cursava a Licenciatura. Os resultados que serão apresentados são decorrentes de duas fases da vida acadêmica dos licenciandos que compõem essa amostra. Na primeira fase, buscou-se investigar sobre a opção dos licenciandos estagiários pela Licenciatura e suas concepções sobre ensino, planejamento e sobre o que é ser professor. Isso aconteceu em 98/2 quando eles cursavam as disciplinas Estrutura e Funcionamento do Ensino, Psicologia da Educação,

Metodologia do Ensino de Biologia e Projeto Integrado de Práticas Pedagógicas, sendo que esta última constitui fonte de dados para a presente pesquisa, a qual estava sob a responsabilidade do professor aqui intitulado X. A segunda fase aconteceu em 99/01, quando os estagiários se encontravam na disciplina Prática de Ensino de Ciências e Prática de Ensino de Biologia, sendo que apenas esta última constituiu fonte de dados desta pesquisa, e estava sob a responsabilidade das professoras X e Y. Aqui buscou-se avaliar o papel do planejamento no processo de formação do professor, bem como, sugestões em prol da referida área de ensino.

A amostra 02 , composta por três licenciados: Cic, Lel e Aba surgiu quando a pesquisadora sentiu necessidade de obter mais dados sobre a formação acadêmica de Biólogos-professores. Diante disso, lançou-se mão de relatórios elaborados por licenciandos que já haviam se formado. Os resultados que serão apresentados são decorrentes de duas fases da vida acadêmica dos licenciandos da referida amostra. Na primeira buscou-se investigar sobre a opção dos licenciandos pela Licenciatura e suas concepções sobre ensino, planejamento e sobre o que é ser professor. Os arquivos analisados nessa fase correspondem ao período 98/01 quando cursavam a disciplina PIPP, sob a responsabilidade da professora Z. Na segunda fase buscou-se a avaliação da disciplina Prática de Ensino de Biologia

no processo de formação do professor, a avaliação do Planejamento de ensino, bem como sugestões para os professores Prática de Ensino do curso de Ciências Biológicas da UFU. Os arquivos analisados nessa fase correspondem ao período 98/02, disciplina Prática de Ensino, sob orientação da referida professora. Isso favoreceu o estudo da formação do professor em duas realidades distintas caracterizadas pelas possibilidades e dificuldades inerentes ao docente e discente. É importante aqui ressaltar que, os alunos da Universidade Federal de Uberlândia, em particular a clientela desta pesquisa estão vivenciando, desde 1998, reflexos marcados por uma greve prolongada, um deles o cumprimento de um calendário escolar diferente das escolas da Rede Pública Estadual e Particular, campo dos Estágios supervisionados.

A pesquisa constou de entrevistas que de acordo com LAKATOS & MARCONI (1992), "são conversações efetuadas face a face, de maneira metódica, que proporcionam ao entrevistador, verbalmente, as informações necessárias." É do tipo semi diretiva, que conforme descreve MENGA & ANDRÉ (1986): "se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente". Além disso a presente pesquisa também se configura como análise documental, que segundo Caulley, citado pelos autores acima mencionados, "busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de

interesse". Para o mesmo autor, "são considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano". Neste sentido utilizou-se de relatórios de licenciandos que constam de arquivos de professores da área Prática de Ensino.

Para uma melhor compreensão da clientela, do método e dos instrumentos de pesquisa utilizados verifique o quadro que se segue.

Quadro 02 - Descrição das Amostras, do Método e dos Instrumentos da pesquisa

Ano	Situação Acadêmica	Instrumento de Pesquisa	Direcionamento da Pesquisa
Amostra 01 Gap, Faf, Ale, Deg e Cac	98/02 PIPP Professor X	Entrevista	Opção pela Licenciatura, concepções de Ensino e Planejamento, significado de ser Professor.
	99/01 PE Professor X, Y	Entrevista	Vivência na Prática de Ensino, avaliação do Planejamento de Ensino e da disciplina, sugestões e críticas a respeito da área Prática de Ensino.
Amostra 02 Cic, Leo, e Aba	98/01 PIPP Professor Z	Trecho de arquivo da área P.E.	Opção pela Licenciatura, concepções de Ensino e Planejamento, significado de ser Professor.
	98/02 PE Professor Z	Trecho de arquivo da área P.E.	Vivência nos Estágios Supervisionados, avaliação do Planejamento de Ensino e da disciplina e sugestões.

III- RESULTADOS,ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1- Opção pela Licenciatura, concepção sobre Ensino e Planejamento na formação do professor: a questão do planejamento segundo a amostra 01 - estagiários do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.

O Planejamento está contido numa rede pedagógica da prática escolar, por isso não tem como excluir conceitos mais gerais, desde a opção do aluno pela Licenciatura e outros que aqui foram registrados. Mesmo quando se aborda apenas o Planejamento, é preciso compreendê-lo na sua abrangência, pois através dele operacionaliza-se os meios de ensino, bem como reflete as concepções do professor sobre Educação, Sociedade e Tecnologia.

Gap- 1ª fase

“Minha decisão pela Licenciatura foi ao acaso. Não sabia exatamente o que queria. Tudo começou quando dei uma aula particular para uma criança pobre, e vi que tinha dom, vocação para ser professora, e como gostava de biologia optei por Licenciatura em Ciências Biológicas. Depois fui ajudando os vizinhos com trabalhos escolares e gostava de ver a expressão dos olhos deles, eu percebia que eles estavam aprendendo. Então vi que tinha vocação pois sabia criar, variar as formas de explicar o mesmo conteúdo quando os mesmos não o entendiam.

No processo de Ensino-Aprendizagem deve ser considerado por parte do professor a espontaneidade, verdade e franqueza; sua preocupação em realmente ensinar o aluno, preparar as aulas e saber o conteúdo; sua relação com o diretor, com a escola, com as normas e leis da mesma. Por parte do aluno deve ser considerado disposição em querer aprender, vontade de ler, participar, questionar, mostrar as dúvidas, reclamar, exigir de si mesmo buscar conhecimentos em outros lugares, fazer leituras extras e valorizar o professor.

Para mim, ser professor (a) é gostar de ensinar o que se sabe, é se preocupar com a vida do outro (aluno)... é gostar de buscar e transferir conhecimento. É vencer muitas barreiras de preconceito, de injúrias e de inveja, não é simplesmente ensinar mas sim, preocupar em desenvolver capacidade crítica no aluno. Muitas vezes não é nem ensinar mas passar uma lição de vida., que é muito mais que transferir conhecimento. Ser professor (a) é vivenciar com os alunos a realidade da vida.

Para mim planejar uma aula é organizar o que vou ensinar baseado na realidade dos alunos, naquilo que eles vivenciam no dia a dia e

no programa que pretendo dar. Uma boa aula tem que ter planejamento. Sem planejamento o professor não consegue atingir todos os objetivos, apesar de existir exceção. Quando se planeja você caminha mais rápido e com mais segurança em busca de chegar ao seu objetivo.”

2ª fase

“Não é fácil estabelecer uma relação teoria- prática pedagógica na elaboração do Planejamento de Ensino. Teoria de concreto mesmo nesse exato momento não tinha. Não tinha uma teoria que embasava a prática pedagógica. As vezes até os professores da Universidade tentavam ensinar em aula, mas parecia tão distante da realidade que a gente acabava não interessando. Eu fiz o planejamento de ensino em cima do que eu conhecia e do que imaginava . Lembrava como eram meus professores, aqueles com os quais gostaria de parecer, aqueles que não gostaria de me assemelhar e fiz então o planejamento como acreditava ser, da melhor maneira possível. Com o pouco de conhecimento que tinha de construtivismo e educação tradicional.

Durante o Estágio Supervisionado, sempre em sala de aula, apesar de poucos conhecimentos teóricos, eu procurava buscar coisas aprendidas em todo o curso e aplicar na prática docente . Procurava prestar atenção no meu aluno, entender a realidade dele. Sinto que perdi muitos conceitos bons no início das aulas, melhor dizendo gostaria de ter aproveitado mais falas dos alunos , mais vivência deles no meu estágio... A falta de experiência, o tentar envolver todos os alunos na aula... as vezes não aproveitei alguns comentários de determinados alunos. A relação

teoria- prática ainda é distante. Parece que num determinado momento você tem a teoria e no outro você tem a prática.

Minha concepção de Planejamento, após sua execução, era: buscar a melhor maneira possível de ensinar envolvendo o aluno no processo de Ensino – Aprendizagem. O planejamento é mutável, deve ser re-elaborado. É necessário ter sempre em mente o conteúdo estudado, preparado e as formas como vou aplicá-lo, mas deve estar sempre pronto a mudar se necessário ou seja, caso a forma escolhida não seja melhor pro seu aluno. Planejamento é um ato de amor e responsabilidade com seu aluno e com seu trabalho. Em hipótese nenhuma você deve entrar numa sala de aula sem ter planejado nada.

Não consegui realizar o planejamento exatamente como foi planejado porque a realidade que vivenciei era diferente daquela que esperava. A falta de tempo e o comportamento dos alunos fizeram com que eu alterasse o Planejamento.

Se tivesse que começar tudo de novo a princípio meu Planejamento seria o mesmo, mas como a turma já não o seria , a realidade seria diferente e talvez assim fosse necessário algumas modificações que ocorreriam após começar a vivenciar as aulas em sala. Eu faria um Planejamento antes de ir para a sala de aula e após a primeira semana, fase de conhecer os alunos eu iria vendo a necessidade de alterar o Planejamento.

Minhas sugestões, críticas e opiniões para os professores da Prática de Ensino são, entre outras, que estes sejam mais rígidos e realmente exijam dos alunos um planejamento bem feito e caprichado; que avaliem coerentemente o planejamento . Acredito que os planejamentos devem ser realizados por cada dupla independente do resto da turma. Durante o pré estágio, fase de preparação para o estágio, cada dupla de estagiários pode aproveitar ou não alguma idéia que achou interessante das

outras duplas e não ser obrigada a aplicar determinada atividade só porque as demais duplas têm que fazer o mesmo planejamento. Isso daria maior liberdade de criação e expressão.

Para os futuros alunos da Prática de Ensino de Ciências e Biologia sugiro que se dediquem e se interessem da mesma forma como fizeram com outras matérias. Que eles parem de pensar que é só uma habilitação a mais e que é só “empurrar com a barriga”. Que eles procurem fazer o melhor possível para que suas aulas sejam boas. Mesmo que eles nunca mais voltem a dar aula, mas que essa do seu estágio seja inesquecível.

Os alunos do curso de Ciências Biológicas Habilitação em Licenciatura deveriam ser selecionados, ou esta habilitação deveria ser reformulada a tal ponto que somente os interessados e aqueles que se dedicassem ao máximo, conseguissem aprovação, pois é comum se escutar nos corredores alguns alunos dizendo frases como essas: ‘Licenciatura é fácil. Eu não gosto, fiz tudo de última hora, mal feito e fui aprovado com 100... é moleza.’ ‘Se os professores propõem um programa de curso mais amplo e aprofundado, basta o aluno reclamar e eles o eliminam à metade’. Esse tipo de comportamento de professores da Prática de Ensino, desestimula os alunos que entram na Licenciatura interessados pela mesma e estimula cada vez mais alunos desinteressados pela Licenciatura a participarem dela apenas para a obtenção de uma habilitação a mais.

Durante a Prática de Ensino me senti limitada, na dependência de outros colegas estagiários que eram os responsáveis pelos materiais de algumas aulas. Não senti liberdade para expressar meus pensamentos nas aulas para elaboração do planejamento. Todos os estagiários criaram juntos o mesmo planejamento, me senti limitada porque fiz coisas que não gostaria de ter feito e deixei de fazer o que eu tinha em mente que daria

certo e que era “minha cara”, “meu jeitão de professor” que é diferente e individual em cada um.

Comprometi-me bem com a Prática de Ensino, tinha a preocupação em realizar um bom trabalho e com a aprendizagem do aluno. Estava envolvida por completo no planejamento e na execução do mesmo. Tinha compromisso em fazer um trabalho bem feito, preparava os materiais com antecedência, ficava imaginando como seriam meus alunos. Em momento algum queria prejudicar os alunos e sim queria que eles aprendessem não importando se gastava dinheiro com materiais didáticos. Queria dar o melhor de mim naquele momento. Não me importei em replanejar, em fazer diferente, só queria que eles aprendessem. E foi gratificante quando ao final do estágio recebi bilhetes e cartinhas dos alunos elogiando o meu trabalho e pedindo para que eu continuasse ali.

Percebi uma alienação dos meus professores quando estes queriam me moldar no construtivismo. Eu via que nem eles exerciam o construtivismo pelo que eu entendia do assunto. Acredito ter chegado próximo ao construtivismo em minhas aulas e tenho certeza que não fui completamente tradicional. As vezes me preocupava muito em ser construtivista e esquecia de ser eu mesma.

Senti-me insatisfeita quando vi que meus professores exigiam pouco dos alunos. A metade queria se envolver com a Prática de Ensino e a outra metade da turma queria enrolar, apenas adquirir um título a mais, isso prejudicou a disciplina, pois essa metade influenciou os professores fazendo com que estes desestimulados cortassem conteúdos importantes, deixando de cobrar até mesmo um planejamento rigoroso e bem feito o que ocasionou a insatisfação dos alunos que esperaram o curso inteiro para fazer Licenciatura.”

Notamos que quando Gap fala, na 1ª fase, em "organizar...baseando-se na realidade dos alunos e quando se planeja você caminha com segurança em busca de chegar ao seu objetivo.", ela se aproxima do que FREIRE (1997) diz a respeito de Planejamento de ensino "somente através de um planejamento pode-se organizar, delimitar e objetivar uma intervenção adequada." O planejamento, portanto, é o instrumental básico para a intervenção do educador. Por meio dele organizamos as idéias e mantemos as relações entre o conteúdo a ser aplicado, o sujeito que irá recebê-lo e o tempo disponível a aplicação do mesmo. Gap não está equivocada quanto ao seu conceito de planejamento. É por meio dele que evitamos o chamado espontaneísmo inadequado e indesejado.

Gap apresenta divergência quando diz que teoria de concreto no momento da elaboração do planejamento, ela não tinha, pois em seguida, no seu depoimento, ela relata que durante o estágio supervisionado, buscava aplicar em sala de aula coisas aprendidas em todo o curso. Isso significa que alguma teoria as disciplinas pedagógicas, bem como as específicas deixaram.

Um fator muito importante é quando Gap diz, na 2ª fase, que o planejamento é mutável. E é isso mesmo. Para FREIRE (1997), "o ato de planejar não é meramente fabricar planos; ele é um processo ininterrupto, permanente, cujo desafio é lançar-se na re-elaboração diária de novos planejamentos." Devemos

esquecer a idéia que planejar é cumprir atividades em datas marcadas, que não podem ser mudadas. As aulas sim devem ser mudadas, reformuladas de acordo com as necessidades explícitas pelo aluno, ou seja, através de seus questionamentos, respostas, proposições, enfim, de seu aprendizado ou não. Fora isso, ocorrem mudanças nas ações de decisões do professor que vai ampliando suas competências didáticas e pedagógicas, inclusive deixando de acreditar que ensinar é 'transferir' conhecimento e 'passar lição de vida', como Gap afirmou no início.

Mas o que é planejamento? Como visto, para MARTINEZ & KLAHORE (1977), em geral, entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização do emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis. Para VASCONCELOS (1999), o planejamento pode ser concebido como processo que envolve a prática docente no cotidiano escolar, durante todo o ano letivo, onde se prioriza a formação do aluno. Assim, o planejamento envolve a fase anterior ao início das aulas, o durante e o depois, significando o exercício contínuo da ação-reflexão-ação, o que caracteriza o ser educador.

Gap ao dizer que não conseguiu realizar o planejamento exatamente como foi planejado, porque a realidade que vivenciou era diferente daquela que ela esperava, parece estar dizendo que nem sempre os planejamentos são cumpridos a

risca, devido a inúmeros fatores, entre eles, fatores inerentes ao aluno, ao próprio professor e até à escola. Os alunos, por exemplo, podem não estar dispostos a aprender, não se importando com o conteúdo, e estando ali apenas por obrigação. Quanto ao professor, o mesmo pode não se preocupar com os alunos e com sua aprendizagem, quando exerce a profissão apenas por uma renda salarial e não por gostar do que faz, e desta forma, não se interessa em querer melhorar suas aulas a cada dia. Quanto à escola, a administração interna e externa impõem obstáculos para o professor desenvolver seu trabalho. LEMBO (1975), no que diz respeito a escola destaca que "nossas escolas são organizadas de modo a facilitar a administração e não a aprendizagem".

Faf – 1ª fase

“Minha decisão pela Licenciatura foi estranha. Aprendi aos poucos a gostar de dar aula pois não era um dom que eu tinha. Fico nervosa quando tenho que me expor a um público, mas fui me interessando ao ouvir dos meus colegas que já davam aulas que adoravam. Lá em Mato Grosso o campo para Licenciatura é muito amplo. Precisa de professores. Olhando também o lado financeiro é mais fácil arrumar emprego como professor do que como pesquisador. Depois, tive uma experiência com o ensino e gostei. Quando a gente cursa as matérias da Licenciatura se tem

noção do quão é importante ser professor e da dimensão da responsabilidade exigida de um professor. A educação é um sistema falido e se posso contribuir para melhorar , então quero fazê-lo.

Acho que deve ser levado em conta no processo de Ensino – Aprendizagem, por parte do aluno, é exigência por uma melhor qualidade de ensino, normalmente ele não está nem aí. O aluno tem que interrogar, levantar dúvidas, fazer mais leituras, ele não tem que aceitar tudo, ele deve dar vida ao ensino , ser um constante aprendiz . O professor, deve ser capaz de inovar, trazer a matéria mais próximo da realidade do aluno, tem que aguçar a curiosidade dos alunos. Acho que temos que ser verdadeiros com a gente mesmo, ser diferente. Deveria ter cursos de aperfeiçoamento constante, debates e discussões. Se o professor pode mudar então que mude.

Acho que ser professor, é educar no sentido real. Não é só transmitir conteúdo, mas dar base, dar sentido e cor ao que ensina. Transferir conteúdo e experiência de vida daquilo que já viveu.

Acho que o planejamento de ensino é fundamental, pois dá base ao professor para ele ver o que vai fazer. Quando você vai ensinar , tem que ter em mente o que vai fazer e como vai fazê-lo. A partir daí fazer mais leituras . O planejamento é uma organização, você pode prever atividades, dividir aulas, planejar os passos do ensino ao longo do ano letivo. O planejamento é essencial e é mutável. Ele nos dá direcionamento. Sem ele é impossível dar uma aula, fica muito desorganizado.

Quando fiquei sabendo que teria que montar um planejamento de ensino eu fiquei apreensiva, porquê apesar de ter visto na didática, a gente não sabe se é o mesmo que a professora espera. Ai meu Deus, um planejamento de ensino. Parece que faltou um pedaço do chão, como será? Será que vou conseguir fazer? Planejando vai dar tudo certinho na minha aula?”

2ª fase

“A teoria vista em relação a prática pedagógica não foi coerente para a elaboração do planejamento. Não seguimos as teorias, mas aproveitamos conceitos que nos foram passados. Não me embasei na teoria para realizar o planejamento. Pensava : se eu fosse aluna como gostaria de ver essa matéria? Não utilizei ou não relacionei a teoria à prática.

Após a execução do planejamento de ensino percebi que a realidade de sala de aula é tão distante e diferente da teoria que a gente vê na Universidade e que mesmo buscando embasamento na teoria não conseguiria executar. E mesmo com o planejamento feito, não dá para ser seguido a risca. Tive que replanear, selecionar prioridades, estabelecer domínio de sala. É tão diferente do que se imagina. Tem que inovar. Tem muito a aprender. Acho que temos que correr atrás do que a gente acredita.

Não deu para seguir a risca o planejamento pois tivemos a quantidade de aulas reduzidas, e as vezes surgiam alguns imprevistos; muitas dúvidas dos alunos, questionamentos que me surpreenderam, tive que improvisar, ... a falta de material, domínio de sala, nossa como é difícil!

Planejamento de ensino é fundamental, apesar de não dar para ser seguido a risca . É um instrumento que deveria levar o professor a fazer adequação do conteúdo que vai ser trabalhado em sala de aula. Através do planejamento podemos buscar inovações, preparar material antecipadamente, rever posturas em sala de aula, reformular conceitos. Sem ele nossas ações ficariam sem direcionamento, através dele estabelecemos objetivos para entrar em sala de aula.

Se tivesse que começar tudo de novo mudaria algumas coisas. No planejamento que fiz, previa explorar em detalhes o conteúdo e vi que

dentro do contexto geral alguns detalhes eram insignificantes. O material didático foi bom, mas o conteúdo ficou complexo para o nível dos alunos.

Deixo como sugestão para os alunos da Prática de Ensino, aquilo que vivenciei e mais gostei, a importância de escolher um bom colega parceiro para o estágio. Ele deve ter idéias, posturas e metas mais ou menos iguais às suas, pois isso facilita as discussões, o refazer o planejamento e aplica-lo mais facilmente. Não é ideal deixar para a última hora a escolha do colega parceiro, nem a elaboração do planejamento. O pré estágio ocorreu em tempo muito curto, não deu para aproveitar muito, além de ter sido desorganizado. Os professores de Prática de Ensino devem estabelecer linhas de planejamento: todos devem trabalhar em conjunto. Os estagiários são muito complicados e possuem ideais totalmente diferentes. Acho que deveríamos ter, um contato maior com as escolas antes do estágio e não ficar tudo para a última hora.

Minhas limitações se concentraram em ter pouca experiência no planejar, senti pouca assessoria por parte da professora. O planejamento não deve ser igual entre todos os estagiários, pois queria ser construtivista, usar recursos didáticos, enquanto os colegas não. Durante o estágio a presença da professora regente dos alunos na sala de aula inibia a minha autoridade e o respeito dos alunos por mim.

Procurei ao máximo me empenhar, pois sempre quis Licenciatura. Levei a sério, procurei embasamento para fazer o planejamento, busquei material, me empenhei bastante.

Estava alienada quanto ao domínio de sala. Não foi nada como pensei. Esperava que os alunos fossem sair bem na prova e me decepcionei.

Durante a Prática de Ensino me senti insatisfeita com algumas coisa, tais como a falta de compromisso dos colegas com a elaboração de material, a desunião da turma na hora de planejar a falta de liberdade de

agir e atuar em sala de aula e por fim a perda no número de aulas e consequente redução de conteúdo me deixando descontente.”

Faf acredita que planejamento é fundamental, apesar de sua mutabilidade. Porém, Faf levanta um ponto muito importante, o de ter que improvisar durante o estágio, e improvisar faz parte da ação do professor. O ato de improvisar não está desvinculado do ato de planejar, porque através do planejamento o professor pode agilizar respostas diante do inusitado para trabalhar a improvisação. FREIRE (1997), ressalta que o improvisar é importante na ação pedagógica. Ter uma ação planejada significa que o educador tem claro seus objetivos. Assim, quando se tem os objetivos claramente delimitados, a improvisação que possa vir a ocorrer está sob controle.

Na 2ª fase quando Faf diz que ao elaborar o planejamento não seguiu teorias, mas sim aproveitou conceitos que lhe foram passados, ela entra em contradição, pois se ela utiliza conceitos, ela está utilizando as teorias, porquê ao tomarmos um dicionário temos que conceito é opinião, síntese, idéia e imagem; teoria é definida como sendo princípio, opinião, doutrina, hipótese. Então se ela utiliza de conceitos já conhecidos ela está utilizando teorias pré estabelecidas a ela

transmitidas em algum momento durante as disciplinas pedagógicas.

Um fator importante que Faf percebeu quando avaliava seu planejamento, é que o mesmo apresentava muitos detalhes, alguns até insignificantes para a turma com a qual trabalhava. Compreender a adequação do Planejamento à realidade escolar é uma tarefa do educador, que para alguns constitui uma grande dificuldade, expressa no seguinte questionamento: como adequar o conteúdo a uma determinada clientela? Deve-se ter em mente, em primeiro lugar os alunos para a qual se dirigirá o conteúdo e depois, gradativamente ao longo das aulas, procurando detectar quais são os aspectos mais relevantes naquele momento, para, enfim tentar adequar ao máximo o conteúdo às expectativas e necessidade dos alunos, e com isso atingir o principal objetivo, que é a aprendizagem do aluno.

Vê-se aqui então, a importância dos alunos visitarem uma escola, antes da realização do estágio, para conhecer sua realidade, seus alunos e os professores que ali se encontram. A dificuldade de adequar um conteúdo à realidade das escolas está diretamente ligada ao desconhecimento do que se é frequentemente ensinado em determinado nível de ensino, e, ao desconhecimento da capacidade intelectual do aluno. CARVALHO (1987) aponta algumas variáveis que devem ser observadas

durante o estágio de observação de uma escola entre elas "como se processa a interação verbal professor-aluno e o nível em que o conteúdo é transmitido".

Na formação do professor, é imprescindível a existência dos estágios em escolas da comunidade pois esta constitui uma oportunidade para o licenciando praticar o ensinar em condições normais de sala de aula, além de outras atividades paralelas como atividades de pesquisa e extensão que devem ser desenvolvidas simultaneamente nesse período. Vale ressaltar a importância das aulas da disciplina Prática de ensino na Universidade como um momento de socialização, reflexão, ponderações teóricas e experiências de ensino. CARVALHO (1987), ressalta que "durante todo o curso universitário, o aluno, futuro professor, recebeu de seus professores conteúdos, tanto específicos, como pedagógicos, ensinados a nível de terceiro grau, os quais deverão ser por ele aplicados à clientela de primeiro e segundo graus". Essa tarefa de reorganizar e adequar para fins de aplicação do conteúdo aprendido na Universidade, requer competência, pois é muito difícil e precisa de ajuda, para que o licenciando, faça uso de sua nova aprendizagem e não caia na tentação de usar suas antigas anotações do período de Ensino Médio e Fundamental.

Ale - 1ª fase

“Decidi pela Licenciatura por questão de obrigação, porque eu soube que para todo tipo de concurso, se você tem a habilitação em Licenciatura o seu currículo vale mais. Acredita-se que tendo a habilitação em Licenciatura, o habilitado, sabe lidar melhor com outros, pelo fato que as disciplinas pedagógicas envolvem oratória. Peço a Deus todos os dias para que Ele não permita que eu seja professora.

No processo de Ensino-Aprendizagem, deve ser considerado, por parte do professor, a condição social do aluno o que ele sabe do assunto que vai ser discutido. Cabe ao aluno participar, mostrar para o professor, principalmente, o que não sabe porque muitas vezes você encontra alunos que tem vergonha de expor suas idéias. Além disso, ele deve estudar e não deixar tudo por conta do professor, pois o tempo na sala de aula nem sempre é suficiente para ensinar todo o conteúdo.

Ser professor significa paciência, mil vezes e gostar muito do que faz, exige dedicação carinho, compreensão e conhecimento do campo da psicologia.

Planejamento para mim significa uma farsa, porque é impossível fazer um planejamento de ensino no início do ano sem conhecer a turma. Você não sabe como o conteúdo vai se desdobrar. Portanto o planejamento tem que ser feito de forma gradual no decorrer do ano. Com isso, você pode mudar a forma de expor o conteúdo sem alterá-lo, apesar de que, muitas vezes a turma é tão fraca que seria válido eliminar parte do conteúdos para ver se os alunos aprendem o mínimo.

Achei um absurdo quando soube que tinha que fazer no 7º período um Planejamento de ensino. Foi a prova de que a professora estava totalmente por fora da realidade de sala de aula. Se ela tivesse pedido um

planejamento qualquer é diferente porque eu tenho que aprender a fazê-lo. Agora fazer um planejamento para outro ano é complicado. Se no início do ano não dá certo imagine de um ano para outro. Planejamento para mim é um enigma.

Eu acho que as disciplinas do 7º período da Licenciatura não nos preparam para enfrentar uma sala de aula. Não ensinam nada, ficam muito na teoria e trabalha com muita coisa importada que não se aplica a realidade brasileira. O que adianta conhecer a teoria sem conhecer a prática, como vou ver aplicabilidade?. Dar aula é dom, se é dom não precisa de teoria.”

2ª fase

“Não existe nenhuma relação teoria prática pedagógica na hora de elaborar um planejamento de ensino, porque quando você monta um planejamento, em momento algum você busca base nas teorias. Você tenta descobrir o que o aluno precisa saber e qual a melhor forma que você ensinaria aquele conteúdo e não o que alguém pensa sobre ensino.

A relação teoria prática pedagógica na execução do planejamento é inexistente porque quando você entra numa sala de aula é... você tem contato com a realidade e geralmente o que é visto na teoria não tem nada a ver com a prática, então você tem que adaptar tudo, muitas vezes você joga o que planejou fora e começa tudo de novo.

Planejamento de ensino, às vezes, para quem está começando, ou seja, é a primeira vez que vai entrar numa sala de aula, ajuda a orientar o que você tem que cumprir, o conteúdo que você tem que ensinar, mas

depois ele perde o sentido. Não tem como planejar sem conhecer a turma e mesmo conhecendo acontece contratempos que torna tudo inválido - você começa com um conteúdo, por exemplo, fácil para os alunos, eles entendem rápido e você começa a planejar a partir disso. De repente se entra num conteúdo que pra você tem o mesmo grau de dificuldade do primeiro, mas pra turma não é bem assim, além disso um grupo de alunos pode sentir dificuldade num conteúdo e outro não. As aulas devem ser planejadas no máximo semanalmente.

É tempo perdido fazer Planejamento de ensino, você tem que ter no início simplesmente alguma coisa para te orientar. Planejamento pra gente é o dia a dia, o conteúdo que vai dar, o que utilizar para ensinar o conteúdo, quanto tempo você vai gastar e até como avaliar, e isso é impossível planejar com muita antecedência. O ideal é você saber e organizar numa seqüência lógica o conteúdo que tem para ensinar e ter noção do tempo que tem para fazer isso. O conteúdo caminha a medida que a turma permite, e se for estritamente necessário ensinar tudo num período curto de tempo (que é uma realidade) , você evita os detalhes e fica só no superficial e infelizmente tem que ser assim.

Você tem que ter o conteúdo e o tempo disponível para desenvolvê-lo e de acordo com a turma você define o que pode ou não aprofundar, uma vez que você tem o tempo determinado. Basta isso e não um planejamento rigoroso que com certeza não será seguido.

Eu consegui executar o planejamento elaborado para a 6ª série conforme foi planejado, isso porque eu falei que seria tradicionalista. Afinal, eu era obrigada a ministrar aquele conteúdo naquele espaço de tempo. Já o planejamento referente ao 1º colegial, não consegui porque tinha um último horário de apenas 30 minutos, tempo que não é contado como aula.

Se tivesse que começar de novo eu não faria um planejamento de ensino, faria um roteiro contendo 12 aulas “teoricamente” para ministrar, e “x” conteúdos num determinado tempo.

Sugiro aos professores da Prática de Ensino explicarem melhor qual o verdadeiro objetivo do estágio: mostrar a realidade do ensino ou permitir que novas técnicas de ensino sejam testadas e avaliadas? como jogos, por exemplo?. Que tenham consciência que mesmo que o estágio seja para fazer testes o que vai ser testado deve ser o mais econômico possível porque nem aluno, nem professor pode gastar “rios” de dinheiro com uma única aula. Que tentem enxergar a realidade de uma Escola Estadual, porque apesar de afirmarem que deram aulas anos e anos, pareceu-me que esqueceram tudo quando se tornaram professores da Prática de Ensino. Que estes procurem se manter informados do que realmente é possível se fazer em uma sala de aula. Que tentem oferecer cursos de reciclagem para professores de Ensino Médio e Fundamental.

Aos alunos da Prática de Ensino sugiro que façam questão de expor seu ponto de vista e que não aceitem quietos as imposições – ditas “sugestões” das professoras da Prática de Ensino .

O que me limitou muito foi: a insistência das professoras da Prática de Ensino em impor a vontade delas, o conteúdo muito extenso para poucas aulas no estágio, o desinteresse dos alunos da Escola e a falta de recursos financeiros para a confecção de material didático.

As professoras estavam alienadas ao tentarem criar um ensino maravilhoso, digno de país de primeiro mundo, mas eu tinha consciência do que estava fazendo e que estava sendo bem feito, portanto continuei com os pés no chão ou melhor no Brasil.

Nesse período dediquei praticamente só a Prática de Ensino. Me senti insatisfeita com tudo. A insistência das professoras em te passar uma coisa que não existe ao invés de me motivar fazia com que eu me

desestimulasse totalmente. O fato das professoras demonstrarem que uma aula só é boa quando envolve dinâmicas, jogos é ruim porque ao final do estágio elas tiveram que admitir que a minha aula expositiva dialógica produziu excelentes resultados.”

Ao se referir ao Planejamento de Ensino Ale já inicia dizendo que o mesmo é uma farsa. Será que o planejamento não tem mesmo nenhuma importância? Por que então ele existe na Prática de Ensino? Por que todos os estudos encontrados sobre o assunto em questão são no aspecto de como melhorar o planejamento e não extinguí-lo? Talvez Ale tenha se apressado ao dizer que ele é uma farsa, afinal se encontrava no início das disciplinas pedagógicas, no 7º. período. Ela justifica-se dizendo que é difícil elaborar um planejamento sem conhecer a turma, e isso é verdade, mas antes de elaborar um planejamento, durante a disciplina PIPP os licenciandos visitaram uma escola e fizeram um pequeno estágio de observação para que conhecessem o ambiente que teriam que trabalhar quando estivessem realizando o Estágio Supervisionado.

Ale ainda fala em “fazer um planejamento qualquer”, para uma turma utópica, só para aprender a fazer um planejamento, mas, por que não?, já que os estagiários já estavam fazendo observação numa escola. Não faz sentido ficar imaginado uma turma, e como é um planejamento se não colocar em prática o que se aprendeu, ou seja, o que as teorias trazem

sobre o assunto. Observar uma escola apenas por observar não é objetivo da Prática de Ensino. A observação em sala de aula têm por objetivo identificar, classificar e quantificar alguns fenômenos que acontecem na classe. CARVALHO (1987), destaca que a observação é "ponto de partida eficiente e fundamental para toda atividade criativa, e é também, um ponto de retorno, no sentido de que a observação de um processo pode oferecer dados para uma posterior avaliação do mesmo". VASCONCELOS (1999) , diz que "as idéias mais interessantes sobre a Prática, acabam vindo da clareza conceitual", ou seja quanto mais se aprofunda no conceito de planejamento, maior o grau de liberdade, de autonomia do sujeito- professor e maior é o seu domínio, sua segurança; ele ainda acrescenta que "quanto menor a fundamentação, maior a necessidade de receita, de modelo".

Na 2ª fase Ale diz que "muitas vezes você joga o que planejou fora e começa tudo de novo". Dizer que o planejamento é mutável, que deve existir uma reelaboração do mesmo ou um replanejamento, como já visto em discussões anteriores é uma ação consciente e correta do professor, mas jogar o planejamento todo fora, evidencia que alguma coisa deve estar errada. O planejamento para ser feito, exige reflexão sobre vários saberes, os quais implicam prever postura diante do imprevisto e preparar situações problemáticas e inteligentes para a exposição da classe. Nem sempre o planejamento bem

elaborado é executado e garante uma boa aula, mas para se jogar no lixo todo um planejamento, pode-se dizer que este não se configura num verdadeiro planejamento.

É válido lembrar que o planejamento não é um oráculo inspirador de todas as soluções para os problemas que se referem à educação e ao ensino. Não é um ditador de normas e de esquemas rígidos e inflexíveis, mas é algo altamente democrático e desencadeador de inovações; por isso, é um processo que evolui, que avança e não permanece estático.

Pode-se notar em Ale uma tendência muito conteudística, ou seja, se preocupa muito com o conteúdo a ser dado e não com a aprendizagem do aluno. Isso demonstra uma postura tradicional, ou seja, defende a elaboração de apenas cronogramas, o que pressupõe, seqüência do conteúdo versus tempo, desprovida de qualquer preocupação com a forma ou metodologia de ensino. Suas falas demonstram também sua conformidade com a situação do ensino, sua acomodação e em consequência disto a manutenção do status quo; " se for extritamente necessário ensinar tudo num período curto de tempo, que é uma realidade, você evita os detalhes e fica só no superficial e **infelizmente tem que ser assim**".

Não, a educação não tem que ser assim. A educação é uma visão que se projeta além do momento presente, é um processo de transformação e de aperfeiçoamento da cultura e do

viver humano, por exigência de sua própria essência. Segundo MENEGOLLA & SANT'ANNA (1997), "a educação não se limita e não tem por objetivo apenas conhecer e analisar o presente, ou querer conservar o status quo da cultura e do saber, ela tende a pensar o futuro, a buscar novos horizontes e novas perspectivas para o homem".

Quando Ale fala de suas limitações ela critica os (as) professores (as) da Prática de Ensino por quererem criar um ensino maravilhoso, digno de país de primeiro mundo, mas ela teve consciência e se manteve com os pés no chão, no Brasil. O que é considerado propostas de primeiro mundo? Será que levar em conta o conhecimento do aluno, respeitar o ponto de vista deles, avançar para o conhecimento científico e tentar o construtivismo são características do Ensino inerentes só a países desenvolvidos? Isso demonstra mais uma vez sua necessidade de ficar parada no tempo, evoluir pra quê? Mudar pra quê? Como fica um professor com esses pensamentos nos dias atuais, envolvido pela globalização? Atualmente a tendência educacional é girar em torno da globalização, da interdisciplinariedade, do aprender a compreender e a interpretar a realidade, segundo HERNÁNDEZ (1998) quando se fala em globalização, "o eixo comum é a busca de relações entre as disciplinas no momento de enfrentar temas de estudo"; então como fica um professor preocupado com o conteúdo e com o

tempo no meio desse cenário de interdisciplinariedade? Fica de fora do contexto escolar? "Expiando pela janelinha"?

Segundo MENEGOLLA & SANT'ANNA (1997), "a grande finalidade da educação não estabelece o definitivo para um planejamento educativo. Ela orienta o processo em busca de novos caminhos para novas soluções. Por isso, ela não é definitiva. A finalidade, mais que uma seta dirigida para o futuro, é uma frente que orienta nossa ação e que está sempre se deslocando para a perfeição".

Partindo da idéia de que a educação é um processo que deve libertar, conscientizar e compromissar a pessoa diante de seu mundo, ajudando a pessoa do educando a ser sujeito da sua ação educativa, não podemos, através de um planejamento educacional, fazer com que os sistemas educacionais mantenham as estruturas tradicionais em uma exclusiva direção, impedindo a pessoa de desenvolver sua originalidade e sua responsabilidade individual e social. MENEGOLLA & SANT'ANNA (1997) afirmam que o planejamento da educação deve ser de tal maneira que não venha a restringir todo o potencial da pessoa.

Durante o depoimento de Ale, ela fez uma declaração que merece esclarecimento. Ao dizer que ninguém pode gastar "rios de dinheiro" nem no estágio nem na escola ela foi injusta, pois na realidade o professor estagiário deve criar condições de ensino usando recursos como materiais alternativos e a Prática

de Ensino auxilia na elaboração dos mesmos. Os gastos com materiais não ultrapassam algumas cartolinas e xerox para as provas. Dois painéis sobre pele e membrana produzidos foram pagos pela professora da Prática de Ensino e uma aluna que se ofereceu para isso.

Deg – 1ª Fase

“O único motivo que me levou a fazer Licenciatura foi o fato de eu ter mais acesso as escolas estaduais sem mesmo eu nunca ter intenção de ser professor. Eu parti do principio que o licenciando é classificado como “P” e o bacharelado como “R” e ganhando a metade do salário. Portanto, minha opção pela Licenciatura se baseou no mercado de trabalho. Não tenho vontade, vocação e jeito para ser professor. Não tenho paciência, mas não descarto a idéia... Se algum dia eu for professor será por necessidade.

No processo de ensino aprendizagem acredito que o professor deve respeitar o que o aluno já sabe e este deve dominar ao máximo o conteúdo que pretende ensinar. Ele nunca deve se limitar ao programa imposto pela escola. Já o aluno deve ter interesse, curiosidade, respeito, dedicação e vontade de aprender.

Ser professor é saber ensinar. O professor na verdade não ensina, ele cria condições para que alguém aprenda alguma coisa. Professor é um ser humano como outro qualquer, nunca sabe tudo.

O único significado do Planejamento de ensino é só uma organização, nunca para ser seguido a ‘risca’. Não tem como fazer um

planejamento fechado sem conhecer os alunos a quem vai ministrá-lo. Serve como proposta só. O professor tem condição de chegar na sala sem ter um planejamento já que pode partir do que os alunos trazem.

Quando soube que tinha que fazer um planejamento, como eu já não gosto de dar aula, para mim foi... nem lembro minha reação. Tive vontade de largar a Licenciatura.

Acredito que as disciplinas do 7º período da Licenciatura não nos preparam para a sala de aula, pelo enorme distanciamento que apresentam entre teoria e prática docente e pelo curto tempo que tem. O curto tempo é todo gasto em teoria.”

2ª Fase

“A teoria e a prática pedagógica apresentam relação no seguinte aspecto, a teoria que foi colocada no papel para ser executada, parte dela foi concluída, mas eu diria que não seria uma relação significativa porque a teoria tá longe da prática.

Na Prática de Ensino a gente fazia uma coisa, ou melhor, as coisas (teoria e técnica da prática) as quais eram encaradas de uma forma. Ao entrar na sala de aula a prática desenvolvida era outra. As duas práticas se chocavam. Mais uma certa relação teoria e prática existe sim.

Planejamento de ensino trata daquilo que se espera ensinar, não querendo dizer que é aquilo que vai ser ensinado, pois só se pode fazer planejamento de ensino após conhecer a clientela.

Não consegui executar o meu planejamento exatamente como era esperado. Muitas coisas que planejei não foram possíveis de ser

realizadas porque o andamento da turma era diferente do esperado, o conteúdo que foi planejado foi incompatível com o tempo.

Se tivesse que começar de novo mudaria meu planejamento no sentido de adequar o conteúdo com o tempo a ser trabalhado, mas ele continuaria sendo tradicional.

Que os professores da Prática de Ensino se interessem a priori de todas as condições que a escola em que vai ser trabalhada dispõe; pois a teoria distante da prática não faz sentido. Para os alunos daria um conselho que pensassem bastante antes de fazer a Prática de Ensino e procurassem conhecê-la para realmente saber se é aquilo que quer.

A minha principal limitação foi adequar o vocabulário ao nível dos alunos – tanto para os de 6ª série como para os de 1º colegial. Meu compromisso com a Prática de Ensino foi além das minhas forças, me dediquei bastante.

Fiquei insatisfeito com minhas aulas, pois poderiam ter sido melhor trabalhadas. Os alunos deveriam ter aproveitado mais minhas aulas, as oportunidades de uso de laboratório, os animais taxidermizados, enfim todo material. Insatisfeito também com a maneira que foi dada a disciplina Prática de Ensino, ao ver que os próprios professores não executam a teoria que eles tentam nos passar.”

Sobre planejamento de ensino Deg não difere das opiniões de seus colegas anteriormente discutidas, mas tem algo a acrescentar quando diz que “se tivesse que começar tudo de novo, mudaria o planejamento no sentido de adequar melhor o conteúdo com o tempo para trabalhá-lo, mas continuaria sendo

um professor tradicional". Quando ele fala em tradicional, parece estar dizendo que continuaria sendo um professor identificado com aula expositiva, resistente à mudança didática ou a qualquer aspecto inovador e tendência interacionista.

KRASILCHIK (1996), aponta a "aula expositiva como a modalidade didática mais comum no ensino de Biologia e tem como função informar os alunos. Em geral os professores repetem os livros didáticos, enquanto os alunos ficam passivamente ouvindo." Argumentos de ordem pedagógica podem ser invocados para justificar o uso de aulas expositivas como permitir ao professor transmitir suas idéias, enfatizando os aspectos que considera importante, impregnando o ensino com o entusiasmo que tem pela matéria. A autora acima citada ainda diz que "a popularidade da aula expositiva está ligada a dois fatores: é um processo altamente econômico, pois permite a um só professor atender a um grande número de alunos, conferindo-lhe, ao mesmo tempo, grande segurança e garantindo-lhe o domínio da classe, que é mantida apática e sem oportunidade de se manifestar".

'A teoria está longe da prática', 'ao entrar na sala de aula a prática é outra', 'na prática a teoria é outra'. No cerne dessa afirmação aplicada á formação de professores está a constatação de que alguma coisa está errada. Isso indica que o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro

professor, nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica, ou seja, carece de teoria e de prática. Os licenciandos quando confrontados com a realidade escolar - pessoas de camadas populares baixas e médias, passam a reivindicar seus cursos sejam mais práticos, pois nem sempre se trabalha nos cursos de formação, psicologia da aprendizagem, cultura, valores e ideais de classes populares. Juntamente com as denúncias de que os cursos são excessivamente teóricos e não contemplam a prática por várias razões, já estão surgindo iniciativas de estágio empregando inovações técnicas no desenvolvimento de atividades de ensino reflexivo. O ensino reflexivo tem por objetivo prover maiores oportunidades de prática de ensino e oferecer feedback aos alunos-mestres sobre sua atuação, possibilitar a reflexão sobre as razões que contribuíram para o seu relativo sucesso. Talvez aqui esteja uma possível solução para se melhorar o ensino, melhorando a formação dos futuros professores; oferecendo a eles um ensino reflexivo, definindo e deixando claro a importância do estágio, de um planejamento bem elaborado. Talvez os licenciandos devam se ater da importância de se fazer uma Prática de Ensino com entusiasmo e dedicação.

Cac-1ª Fase

“Desde que entrei na Universidade queria cursar Licenciatura e Bacharelado. Não por ter que dar aula, mas se tiver que fazê-lo será com o maior prazer. Sempre que brincava em casa, brincava de escolinha e era professora. Logo que entrei no curso comecei a dar aula de inglês e passei a gostar mais ainda de dar aula. Professor tem que dar aula da matéria que domina, não adianta decorar conteúdo e passar, isso não funciona.

No processo de Ensino aprendizado acredito que o professor tem que criar um ambiente de amizade, criar um clima de liberdade para que o aluno possa perguntar, levar para a sala de aula conteúdo do seu cotidiano, enfim, despertar o interesse do aluno em aprender, e a consciência de que estudar é fundamental e não obrigação. Hoje o ensino está sendo orientado para o vestibular e o aluno não está preocupado em aprender.

Ser professor é ser tudo; Pai, mãe... você vai passar experiência de vida, os alunos vão se espelhar em você. Se você é professor de determinada matéria é porque você tem domínio sobre ela tem o que passar.

O planejamento significa tentar fazer uma previsão da prática que teoricamente desconhecemos. Ao cursar o sétimo período do curso eu o achei meio vago, não sei se porque as aulas que observei a professora não importava com os alunos, só queria saber do salário no fim do mês. E também as matérias da licenciatura são desorganizadas, porque o objetivo inicial no primeiro dia de aula é muito bom; o problema é que não é alcançado...a gente acaba levando de qualquer jeito e fica por isso mesmo. Aparentemente, no oitavo período parece ser melhor, pois de qualquer maneira você tem que ir para as salas e dar aulas.

Quando soube que teria que montar um planejamento, minha reação, com sinceridade, só não foi de desespero porque eu sabia que se não fizesse não ia ter problema. Se fosse um trabalho como imunologia que você não sabe, você luta e faz e dá certo. O problema não era da professora da Prática de Ensino porque ela acreditava que a gente tinha aprendido em didática, mas vendo que não tínhamos aprendido, deveria ter ensinado. No sétimo período não aprendemos a fazer planejamento nos moldes de uma escola, cada um podia fazer do jeito que achava certo dividindo tópicos em dias para ser dado sem noção do tempo que gastaria.

As disciplinas da Licenciatura não te preparam para a sala de aula porque a parte teórica... Ah...fica só na teoria. Piaget e construtivismo na pratica não são aplicados. Não preparam porque o que a gente vê aqui é para uma escola idealizada, onde você pode dar uma aula bem dada, onde ninguém interfere e isso é diferente do real, na escola você tem normas para seguir. Um tópico que deveríamos ver na Universidade seria 'as normas burocráticas da escola', pois vamos enfrentar isso uma hora."

2ª Fase

"Não existe nenhuma relação teoria prática pedagógica na hora de fazer o planejamento. Eu não tinha noção do tempo. Não sabia quanto cada tópico ia gastar. No final eu tinha que perguntar como era pra fazer, pois não sabia como fazer o planejamento de ensino. Fiz o planejamento assim...como que fala...mais ou menos...fiz só porque tinha que entregar, fiz de qualquer jeito pois sabia que teria que mudar muita coisa. Eu fiz o

planejamento de acordo com o que eu imaginava e de acordo com as regras estipuladas: objetivo, duração, data prevista...

Nem lembrava da teoria na hora da execução do planejamento. Aqueles filósofos, ah, nem lembrava. A única teoria que a gente lembra é a do conteúdo que tenho que dar.

Eu acho o seguinte, você tem que primeiramente gostar de dar aulas, entendeu? Estudar o conteúdo e fazer de tudo para passar da melhor maneira possível, tentar dar uma aula mais dinâmica. Não sei se o planejamento correto, com regras é tão importante, mas você tem sim que estabelecer um cronograma. Acho que ele é melhor que o planejamento. Não sei diferenciar tudo...Planejamento é o planejamento dá aula, o que você vai dar, tudo bem detalhado e cronograma apenas os tópicos do que se vai dar.

É impossível executar o planejamento exatamente como foi elaborado porquê, aí é que tá...você planeja para fazer em condições ideais, mas chega na realidade não é isso. Você vê que o aluno que não entendeu e vai atrasando, reunião na escola, paralização, mudança de horário, então não dá. Um número de atividades que você planeja tem que ser cortada para poder compensar.

Se pudesse nem fazia planejamento de ensino, fazia só um cronograma, pois é o mais prático. O planejamento te dá tanto trabalho para no final não servir de nada, nem de referência. Acredito que tenho que fazer um planejamento, mas meu, do meu jeito, para mim e não para entregar para a escola. A diretora não entende nada quando olha aquilo, é só para cumprir a burocracia.

Na Prática de Ensino para mim, o que valeu foi a partir do momento que entrei na sala de aula. Posso até ter aplicado alguma teoria de algum filósofo, mas foi espontaneamente e sem saber que o fazia. A duração da Prática de Ensino poderia ser maior e não ficar perdendo tanto

tempo com leitura de textos, essas coisas. Deveria ter mais atendimento que aula em grupo, que acabava sendo enrolação. Que os alunos façam sim Licenciatura mesmo que tenham dificuldades em público, mas acho que devem fazer. O que a gente vive ali é muito importante. Vivemos experiências que nem como professor vamos vivê-la. Ali você tem tempo para elaborar material.

Acredito que nesse tempo não teve nada que tivesse me bloqueado ou limitado. Fiquei com medo de entrar na 2^o série do Ensino médio noturno antes de entrar, porque quando fui no semestre anterior observar aulas, os alunos dançavam funk na sala. Eu tinha um certo preconceito, para mim eram todos "marginais" e que não iam respeitar ninguém, muito menos o professor. Fiquei insatisfeita com a burocracia da escola porquê eles acham que o professor para dar aula só precisa estar na sala de aula e ele se vira. Se o professor quer dar uma aula diferente ele tá inventando moda. Não concordo com isso."

Percebe-se claramente em Cac através de sua fala pontos extremamente importantes e que já foram discutidos. Pode-se notar sua dificuldade em conceituar planejamento de ensino e como consequência, sua dificuldade em elaborar um planejamento buscando assim apenas modelos padronizados. Talvez por isso sua crítica, achando que não deve ser feito um planejamento de ensino e que o mesmo não tem sentido. Vê-se também o descaso com relação à Licenciatura "se fosse um trabalho como imunologia que você tem que ralar senão não passa,...mas se eu não fizesse o planejamento sabia que não ia ter

problema". Onde está o problema? Será que só os alunos contribuem para esse descaso na Licenciatura? Será que os professores também não contribuem para isso? Essas são questões difíceis de serem respondidas.

Em síntese, será apresentado um quadro, que reflete em geral os resultados apresentados pela primeira amostra. Foi destacado apenas 3 sujeitos da referida amostra, já que estes são representativos da mesma.

Quadro 03 - Significado do Planejamento de Ensino, críticas e sugestões para a Prática de Ensino segundo 3 sujeitos representativos da amostra 01.

Amostra 1	Significado do Planejamento	Críticas/Sugestões para a Área: Prática de Ensino
Gap	<p>Antes da entrada na sala de aula</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Organizar o que vou ensinar, baseando na realidade dos alunos. 2. Quando você planeja você caminha mais rápido e com mais segurança. <p>Após a entrada na sala de aula</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não é fácil estabelecer relação entre T-P na elaboração do Planejamento. 2. Buscar a melhor maneira possível de ensinar. É mutável. É necessário ter sempre em mente o conteúdo estudado e preparado e as formas como vou aplicá-lo. 3. Não realizei o Planejamento como foi planejado, porque a realidade é diferente daquela que esperava. 4. A falta de tempo e o comportamento dos alunos fizeram com que eu alterasse o Planejamento. 5. Talvez fizesse alguma modificação, após vivenciar as aulas, conhecer os alunos, vendo a necessidade de alterar o Planejamento. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Maior rigidez na elaboração e avaliação do planejamento. 2. Planejamento deve ser feito por cada dupla, para garantir liberdade de expressão de pensamentos e execução das próprias capacidades. 3. Propor um programa que possa ser cumprido para evitar sua redução à metade, quando a metade dos alunos reclamam. 4. Exigir mais dos alunos e praticarem o construtivismo tão defendido.
Faf	<p>Antes da entrada na sala de aula</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. É fundamental, dá base ao professor, para ele ver o que vai fazer. A partir das aulas, deve-se fazer mais leitura. 2. É uma organização, que você pode prever atividades, distribuir aulas, planejar os passos do ensino ao longo do ano letivo. É mutável. Ele nos dá direcionamento. 3. Ao saber que teria que fazer um Planejamento de ensino, fiquei apreensiva. Parece que faltou um pedaço do chão, como será? Planejando vai dar tudo certinho na minha aula? <p>Após a entrada na sala de aula</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Planejamento não dá para ser seguido à risca. Tive que replanejar, selecionar prioridades. Tem que inovar muito, correr atrás. 2. Previa explorar detalhes do conteúdo que eram insignificantes muito complexo para o nível dos alunos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Escolha de um bom parceiro para formar a dupla. 2. Ampliar o tempo do Pré Estágio 3. Estabelecer linhas de planejamento 4. Maior contato com a sala de aula antes do Estágio 5. Não permitir redução da carga horária do estágio (de última hora)

Amostra 1	Significado do Planejamento	Críticas/Sugestões para a Área: Prática de Ensino
Ale	<p>Antes da entrada na sala de aula</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. É uma farsa, porque é impossível fazê-lo no início do ano sem conhecer a turma. 2. Deve ser feito de forma gradual. 3. Quando foi proposto no 7º Período, foi a prova que a professora estava totalmente por fora da realidade da sala de aula. Deveria ter pedido um Planejamento qualquer. É um enigma. 4. As disciplinas do 7º Período não nos preparam para enfrentar a sala de aula. Não ensinam nada, ficam muito na teoria e trabalham com muita coisa importada, que não aplica à realidade brasileira. 5. Dar aula é Dom, se é Dom, não precisa teoria. <p>Após a entrada na sala de aula</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não existe relação T_P na elaboração do Planejamento. 2. É descobrir o que o aluno precisa saber e qual a melhor forma de ensinar. 3. Para quem está começando, ajuda a orientar o que você tem que cumprir, o que você tem que ensinar, mas depois ele perde o sentido. 4. As aulas devem ser planejadas no máximo semanalmente. 5. É tempo perdido fazer planejamento de ensino antes de iniciar o Estágio, basta simplesmente, ter alguma coisa para te orientar sobre: o conteúdo que vai dar, o que utilizar para ensinar o conteúdo, quanto tempo você vai gastar e até como avaliar. O conteúdo caminha na medida que a turma permite. 6. Consegui executar o planejamento de Ciências como foi planejado, isso porque falei que seria tradicional 	<ol style="list-style-type: none"> 7. Explicar melhor o verdadeiro objetivo do Estágio. 8. Parece que se esqueceram como é a realidade das escolas. 9. Que os novos licenciandos não aceitem quietos as imposições-ditas sugestões das professoras de Prática de Ensino. 10. As professoras estão alienadas ao tentarem criar um ensino maravilhoso, digno da país do primeiro mundo. Eu continuei com os pés no chão ou melhor no Brasil. 11. Ao final do Estágio tiveram que admitir que a minha aula expositiva dialógica produziu excelentes resultados.

Enfim, todos os sujeitos da amostra 01 dessa pesquisa parecem apresentarem dificuldades em conjugar a existência de uma relativa relação teoria - prática pedagógica na elaboração e

execução do Planejamento de Ensino. Talvez por desconhecerem o que está acontecendo na prática, bem como por não perceberem que as teorias propostas provém da Prática realizada por quem propôs as teorias. Na história da formação do educador brasileiro, baseando-se em leituras de livros e trabalhos publicados, pode-se perceber que a dicotomia entre teoria e prática já é uma questão clássica, presente em todas as posturas pedagógicas, prevalece uma concepção dualista, na qual a teoria não consegue explicar a prática e vice-versa. Esse quadro deve ser mudado, afinal não existe teoria sem prática, e se a teoria existe, ela passou por um momento de prática. CATANI, *et al* (1997), afirmam que "o que se observa é que há, uma compreensão muito ambígua e difusa quanto à natureza e ao papel das teorias pedagógicas, entre outras razões, pela dificuldades que eles têm de desenvolver formas de incorporar esse tipo de conhecimento, especialmente às suas práticas de ensino". A autora ainda diz que as dificuldades que dizem respeito à compreensão das relações teoria/prática na experiência docente envolvem contornos peculiares, determinadas em grande medida pelas características do discurso pedagógico e acrescenta que "o caráter prescritivo do discurso pedagógico parece dar origem aos mal entendidos mais comuns sobre as relações teoria - prática pedagógica".

Conforme o discurso prescritivo que circula no universo pedagógico, os professores e estagiários acabam por supor que a prática pedagógica deve ser uma reprodução fiel, um espelho daquilo que é descrito e prescrito pelas teorias. O que se verifica no contexto da cultura escolar é a imposição e o predomínio de uma concepção que sobrevaloriza o conhecimento teórico em relação a prática.

Os entrevistados da amostra 01 atribuem importância ao fato do professor ter domínio do conteúdo específico para ensinar. Isso realmente é muito importante. Ninguém pode ensinar a alguém aquilo que não sabe, que desconhece. Porém devemos ter cuidado quando falamos em teorias, GARCIA (1987) faz ressalvas sobre o papel que a teoria pode cumprir; pois diz que "há teoria e teorias", e ainda completa:

"A teoria que interessa é aquela que nos capacita a compreender criticamente a sociedade na qual vivemos, e a interferir para modifica-la outra teoria cumpre um papel ideológico, à medida que mascara a realidade, justifica a exploração e mantém o status quo. Mas há, ainda, o perigo do teorismo. A teoria deve ser o respaldo de toda a prática pedagógica. Tal prática exigirá do profissional uma sólida formação teórica, que deverá ser exigida pela Universidade".

A teoria terá sentido somente se estiver numa realidade em que for possível, de forma não prescritiva, ser incorporada e transformada em instrumento de apreensão da realidade e de fundamentação da prática.

CARVALHO & GIL-PERÉZ (1993), dizem que além de se conhecer a matéria a ser ensinada que o professor deve:

"Conhecer os problemas que originam a construção dos conhecimentos científicos. Conhecer, em especial, quais foram as dificuldades e obstáculos epistemológicos (o que constitui uma ajuda imprescindível para compreender as dificuldades do aluno).

Conhecer as orientações metodológicas empregadas na construção dos conhecimentos. Saber selecionar conteúdos adequados que dêem uma visão correta de Ciência e que sejam acessíveis aos alunos e suscetíveis de interesse.

Estar preparado para aprofundar os conhecimentos e para adquirir outros novos. (...)"

O figura 01 apresentada no referencial teórico reforça e exemplifica claramente essa questão sobre o que o professor deve "saber" e "saber fazer" em classe, ressaltando pontos fundamentais e tão importantes quanto conhecer profundamente um conteúdo, como por exemplo saber utilizar a

pesquisa e saber avaliar. A proposta apresentada nele é baseada, de um lado, na idéia de aprendizagem como construção de conhecimentos com as características de uma pesquisa científica e, de outro, na necessidade de transformar o pensamento espontâneo do professor sobre o "saber" e o "saber fazer".

Os estágios supervisionados constituem um momento favorável para reverter essa idéia de dualidade entre teoria e prática; pois ele propicia ao licenciando estagiário a oportunidade de fazer uma síntese da teoria e da prática. RIANI (1996), diz que "as atividades dos estágios estabelecem uma interação e uma integração entre ensino, pesquisa e extensão, o que confere maior abrangência e relevância social às ações do currículo acadêmico e leva os alunos a conhecerem suas possibilidades e limites. Só assim pode-se alcançar uma síntese entre teoria e prática".

Pode-se notar que a Prática de Ensino quase sempre é descaracterizada no âmbito da relevância atribuída ao conjunto das demais disciplinas curriculares; como pode ser visto em frases como a de Cac "se fosse um trabalho como imunologia...". Isso faz com que a Prática de Ensino conste apenas como uma disciplina prática, obrigatória, a ser cumprida para a conclusão do curso. Ela aparece no cenário curricular como um pacote pronto de afazeres burocráticos, uma disciplina puramente técnica, isolada, neutra e incompatível com a realidade e com a formação

teórica dos alunos. Para o referido autor "nos dispositivos legais, a Prática Educativa é condição "sine qua non" para se obter o diploma universitário. No entanto, para a maioria dos estagiandos, é um fator complicador em sua vida acadêmica".

Todos concordam também com o significado de ser professor e trazem consigo características de um bom professor: 'é aquele que vivencia a realidade do aluno'; 'é aquele que dá sentido e cor ao que ensina'; 'é aquele que ouve o que o aluno tem a dizer'; 'ele cria condições para a aprendizagem'. LEMBO, (1975) em seus estudos sugere algumas aptidões que o professor deve possuir para promover as condições de aprendizagem adequadas, ou seja, apresenta algumas características do bom professor

"O bom professor se caracteriza pela seguintes atitudes: 1) em virtude de ouvir e aceitar, ele envolve os alunos num relacionamento franco e confiante; 2) tem a capacidade de empregar diferentes diagnósticos, planejamentos, processos de auxílio e de avaliação e é consciente das limitações dos alunos; 3) mantém uma atitude geral de experimentação, na identificação e promoção de condições de aprendizagem; e 4) consegue olhar abertamente para suas próprias convicções,

sentimentos e atitudes, e encontrar meios de torná-los mais construtivos para si mesmo e para os outros”.

3.2-Visão de ensino e de formação do professor segundo a amostra 2 - licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.

Cic – 1ª Fase

“(…) Em nenhum momento os professores utilizavam rigorosamente um tipo de pedagogia, mas sim apresentavam características diretiva em alguns momentos e interacionistas em outros.”

2ª Fase

“(…) Durante o estágio houve situações em que foi necessário mudanças de posturas tanto por parte dos alunos quanto da estagiária. O estágio foi planejado de forma que os alunos estivessem envolvidos em situações significativas, que discutissem, raciocinassem e assimilassem o conteúdo. Os recursos didáticos auxiliaram para uma melhor compreensão dos assuntos trabalhados. Ser professor talvez seja uma das mais

importantes e difíceis profissões pois é responsável pela formação do indivíduo e cidadão.”⁻⁶³⁻

Destaca-se em Cic uma preocupação não somente com o ensino de Ciências e Biologia, mas com a educação de maneira geral, com a formação do indivíduo e com a profissão - magistério. Ela demonstra também interesse por uma aula interativa, onde os alunos participam, raciocinam e expõe idéias. Conforme MORTIMER (1994), "a aprendizagem se dá através do ativo envolvimento do aprendiz na construção do conhecimento".

Cic aparentemente parece mostrar em seu depoimento que não é fácil ser professor, mas que essa profissão é muito bonita. Sobre planejamento de ensino parece deixar claro que é importante fazer um planejamento de ensino de forma a envolver os alunos e de maneira tal que não imponha regras de como dar aulas, mas sim permita mudanças, principalmente com relação a postura do professor em sala de aula. Esse é um aspecto que até agora não havia sido ressaltado e se constitui de fundamental importância para a formação do professor, pois deve se ter consciência que de sala a sala, de ano a ano, os alunos são diferentes em comportamento o que exige do professor mudança de postura, porém não implica o professor voltar a ser severo, ou rígido, ou tradicional.

Lel - 1ª Fase

“(…) Quando optei em fazer licenciatura, a maioria das pessoas me desencorajou dizendo que não valia a pena, que as disciplinas eram chatas e outras coisas mais. Mas mesmo assim decidi ir até o fim. No sétimo período percebi que não era nada daquilo que as pessoas diziam, as disciplinas eram cansativas porém muito interessante, passei a adquirir conhecimentos sobre a prática pedagógica que nem imaginava existir. Comecei a enxergar a sala de aula, a relação aluno professor com outros olhos, principalmente depois que, ainda no sétimo período passei a observar as aulas de Biologia numa Escola Estadual.”

2ª Fase

“(…) Já no oitavo período, quando a disciplina Prática de Ensino começou, me assustei novamente com a preparação do plano do curso. Não sabia se seria capaz de por em prática tudo que foi planejado, primeiro porque estava pegando uma turma que não era minha e também porque estava no final do ano em época de prova, e segundo, pelo fato de eu ser professora-estagiária uma vez que os alunos não respeitam professores substitutos quem diria respeitar estagiário.”

“(…) O construtivismo é uma abordagem metodológica que poderá favorecer o ensino médio e fundamental. Acredito que para isso acontecer, seria necessário a implantação do mesmo desde o início da alfabetização do aluno. A mudança tem que partir não somente dos professores, mas também da escola como um todo...”

“(…) Foi complicado implantar a metodologia construtivista em sala de aula acostumada com métodos tradicionais, mas constatei que houve um interesse maior por parte dos alunos em trabalhar e aprender o conteúdo...”

“(…) O tempo é um fator muito importante para que o professor possa buscar soluções, afim de trabalhar cada aluno individualmente.”

“(…) O que observei é que os professores da rede pública se dão por vencidos e não se sentem estimulados a lutar para melhorar o ensino. Acredito que a política educacional é o que mais influência nesse comportamento. Todos optaram por esta profissão sabendo da situação. Os alunos nessa história são as únicas vítimas que acabam sendo prejudicados.”

“(…) Acredito na abordagem construtivista como sendo um enorme passo para a melhoria do ensino no Brasil, pois através deste podemos estar mais próximos dos alunos e assim, conhecer melhor a realidade de cada um para que possa trabalhar de forma mais dinâmica em sala de aula gerando maior interesse por parte dos alunos...”

“(…) Acho o estágio muito válido. Através dele posso estar mais próximo da realidade do ensino em sala de aula. Percebi que é muito difícil aplicar na prática tudo que aprendi na teoria, pois são realidades bastante diferentes.”

“(…) Professor é aquele que ajuda a formar um cidadão crítico e que leva em consideração a sabedoria de cada um, sabendo, a partir desta sabedoria, reestruturar um novo conhecimento. É nesse tipo de professor que acredito e almejo ser.”

Quando Lel fala que "a mudança tem que partir não somente dos professores, mas da escola como um todo", parece estar dizendo que é necessário que haja uma mudança no processo de ensino. Esse deveria deixar de ser tradicional, para ser interacionista, ressaltando que para que isso ocorra todos os segmentos da escola devem estar envolvidos no processo.

Aba - 1ª Fase

"(...) Conhecimento e educação são relações recíprocas, ou seja, a educação visa o conhecimento e vice versa. Para isso, é necessário que o professor mantenha um estilo de ensino baseado nas suas ações práticas...

"(...) Este trabalho contribuiu não somente para o meu crescimento profissional, mas também, no sentido de entendermos que cada aluno é único e possui uma realidade própria e esta tem que ser percebida por nós, futuros professores, no momento em que estivermos em uma sala de aula."

"(...) Nós, futuros professores, teremos a chance de mudar o processo de ensino aprendizagem, pois já possuímos o conhecimento teórico faltando-nos apenas apoio e oportunidade para colocarmos nossas decisões em prática."

"(...) Dentro de sala de aula, é preciso que o professor consiga manter um bom relacionamento com os alunos, de modo que estes se sintam à vontade para perguntar e esclarecer dúvidas. Assim como, os alunos precisam estar interessados em aprender o conteúdo."

“(…) Este estágio de observação, permitiu precocemente enxergarmos alguns erros e posturas não adequadas que são adotados dentro da sala de aula, assim como, atitudes positivas, louváveis de serem repassadas a outros alunos que nos ajudará na elaboração do estilo de aula em Prática de Ensino.”

2ª Fase

“(…) Tínhamos sempre que estar motivando-os (os alunos) para que se sentissem interessados.”

“(…) Em algum momento apenas ‘passei’ o conteúdo para os alunos...”

“(…) Na minha opinião o tempo de estágio foi muito curto. Tive pouco tempo para trabalhar com os alunos e propor coisas diferentes como: aula prática, execução de dinâmicas e ou técnicas de relaxamento, filmes, etc. Talvez esse problema pudesse ser resolvido aumentando o número de aulas a serem dadas.”

“(…) Desta forma, os resultados seriam diferentes, o conteúdo seria bem mais explorado e teríamos a oportunidade de ‘passar’ para eles uma nova visão de ensino na qual a participação tanto do professor quanto dos alunos é necessária para que o conhecimento seja gerado.”

Aba apresenta alguns pontos positivos ainda não discutidos nessa pesquisa. Ela mostra a importância de se observar uma sala de aula antes de ministrar os estágios, pois

assim pode se avaliar posturas antes mesmo de entrar na sala, procurando assim ser diferente oferecendo aos alunos a oportunidade de aprendizagem por meio de uma aula interativa.

Ela evidencia a preocupação com o ensino e traz para si e para todo o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a responsabilidade pela educação, pois "nós estagiários somos os professores de amanhã e temos chance de mudar a educação". Ao dizer isso, ela parece estar dizendo que os professores docentes são responsáveis pelos licenciandos e esses pela educação no Ensino Fundamental e Médio de amanhã. Abaixo será apresentado um quadro que resume os resultados gerais da amostra 02.

Quadro 04 - Visão de Ensino, de formação do professor e de Planejamento, segundo 2 sujeitos representativos da amostra 02.

Amostra 2	Visão de ensino, de Formação do Professor e de Planejamento
Cic	<p>Antes de entrar para a sala de aula</p> <p>1 - Os professores não utilizaram, rigorosamente, um tipo de pedagogia.</p> <p>Após entrar para a sala de aula</p> <p>1 - Foi necessário mudança de postura.</p> <p>2 - Foi planejado de forma que os alunos estivessem envolvidos em situações significativas, que discutissem, raciocinassem e assimilassem o conteúdo.</p> <p>3 - Ser professor, talvez seja uma das mais importantes e difíceis profissões, pois é responsável pela formação do indivíduo e cidadão.</p>
Lel	<p>Antes de entrar para a sala de aula</p> <p>1 - Fui desencorajada quando optei pela Licenciatura, diziam que não valia a pena, que as disciplinas eram chatas e outras coisas mais. No 7º período percebi que não era nada daquilo que as pessoas diziam, as disciplinas eram cansativas, porém muito interessantes.</p> <p>Após entrar para a sala de aula</p> <p>1 - No 8º período, me assustei novamente com a preparação do planejamento.</p> <p>2 - O construtivismo é uma abordagem metodológica que poderá favorecer um Ensino Fundamental e Médio... A mudança tem que partir não somente dos professores, mas da escola como um todo.</p> <p>3 - Constatei que houve um interesse maior dos alunos em aprender, quando utilizava o construtivismo pois através deste podemos estar mais próximos dos alunos, conhecendo melhor sua realidade.</p> <p>4 - Professor é aquele que ajuda formar um cidadão é que leva em consideração a sabedoria de cada um.</p>
Aba	<p>Antes de entrar para a sala de aula</p> <p>1 - Contribui para meu crescimento profissional e para entender que cada aluno é único e possui uma realidade própria.</p> <p>2 - O Estágio de Observação me permite enxergar algumas posturas inadequadas e outras louváveis.</p> <p>Após entrar para a sala de aula</p> <p>1 - Em alguns momentos apenas 'passei' o conteúdo.</p>

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de planejamento não é tarefa fácil, assim como também não é simples fazê-lo e executá-lo, pois disciplina intelectual, organização, esforço, perseverança são atributos necessários ao educador que quer mergulhar na ação aprender/ensinar. Dá muito trabalho pensar e refletir sobre ações realizadas, e o professor, continuamente deve repensar as improvisações, estudar os conteúdos para ser capaz de elaborar formas de reconstruir seus conceitos e os dos alunos. Mas não se pode esquecer do significado e da importância de se elaborar um

verdadeiro planejamento, capaz de assegurar uma aprendizagem significativa. Vale lembrar e ressaltar MARTINS (1997), ao dizer que o planejamento é alimentado pela observação que é o reflexo de um sensível olhar; pelo registro que vai muito além da anotação do diário de classe; pela reflexão, que implica em confrontar a prática vivida com a teoria do outro e a do próprio professor, que norteia depois a avaliação, que encaminha a um novo planejamento. Isso mostra que o Planejamento é um trabalho contínuo que ao ser ampliado gradativamente contribui com o ensinar.

Com relação a formação de professores, devemos valorizar muitos aspectos, entre eles destaco alguns citados por TRIVELATO (1994), *Como selecionar a melhor atividade para desenvolver determinado assunto sem conhecê-lo em profundidade? Como planejar uma modalidade didática sem a habilidade de discriminar o que é essencial? Como orientar os alunos sem ter plena consciência de onde se espera que eles cheguem? Como implementar uma metodologia mais participativa temendo as questões que os alunos possam formular? Estamos no ano onde a globalização é um fator que influencia muito, então como não valorizar os conceitos prévios trazidos pelos alunos?*

Ainda no campo da aquisição de conhecimentos necessários à formação profissional, devemos nos atentar para um tratamento teórico mais apurado sobre a aprendizagem de

Ciências, que seja capaz de questionar e transformar o modelo tradicional, muito difundido e baseado na transmissão de conteúdos já elaborados. Até se formar, o professor sofre grande influência do que viveu durante todo o período que passa nas instituições escolares como aluno e parte de suas idéias, atitudes e comportamento se deve a essa formação ambiental. TRIVELATO (1994) afirma que "o curso de graduação, boa parte da vezes, se integra a esse ambiente que atua na formação de uma noção espontânea sobre ensino e aprendizagem mas, deveria propiciar formas e situações em que tais concepções pudessem ser questionadas e criticadas".

Não somente a Prática de Ensino é responsável pela formação do professor, como alguns sujeitos da amostra disseram, mas todas as disciplinas contidas na grade curricular do curso de Ciências Biológicas, incluindo o ambiente do acadêmico como um todo. Cada futuro professor procura em seus professores um exemplo. Essa afirmação sugere que todo corpo docente passa a ser responsável pela formação profissional do futuro professor. Contudo é na Prática de Ensino que o mesmo tem mais oportunidade de vivenciar a profissão, de experimentar idéias novas, aulas dinâmicas e interativas. Talvez por isso as decepções e as críticas dos estagiários aqui entrevistados se voltem somente para essa disciplina.

O que causa tanta decepção no estagiário? Será que é o esforço dos professores da área em tentar ser inovadores ou a falta de interesse dos estagiários em buscar o novo, em desafiar-se a efetivar mudanças? Sabe-se que uma aula expositiva tradicional é muito mais fácil e cômoda de preparar e ministrar, enquanto uma aula interativa exige maior percepção, sensibilidade e competência didático pedagógica do professor.

Será que os licenciandos estão chegando no sétimo período prontos para se dedicarem exclusivamente aos estágios, trazendo consigo tempo e disposição para tal?

A Prática de Ensino deve corresponder às expectativas dos licenciandos. Deve dar-lhes apoio, segurança e condições para eles entrarem em uma sala de aula.

Se juntarmos todas as sugestões, críticas, e opiniões apresentadas nessa pesquisa, podemos dizer que tanto os licenciandos quanto a disciplina Prática de Ensino precisam de mudanças. Os ingressantes no Curso de Ciências Biológicas devem ser preparados e esclarecidos desde o primeiro período para fazerem sua opção consciente pela Habilitação em Licenciatura e/ou Bacharelado. Eles devem estar cientes da responsabilidade e da disponibilidade de tempo que precisarão caso optem pela Licenciatura.

O Curso de Ciências Biológicas merece uma mudança curricular. Neste sentido a disciplina Prática de Ensino precisa,

além do aumento em sua carga horária de 60 horas aula conforme a nova LDB, implementar a interdisciplinariedade com as demais disciplinas pedagógicas e ser redistribuída em 3 períodos letivos. Estas, por sua vez, devem oferecer toda a base teórica que os licenciandos precisam, para o Estágio supervisionado, sendo sobretudo prático com assistência e orientação necessária. Assim, a Prática de Ensino poderá cumprir o seu papel podendo atender melhor as necessidades dos licenciandos envolvendo-os numa formação mais reflexiva e prática.

Para finalizar, vale dizer sobre a importância de se realizar pesquisa também na Licenciatura. A pesquisadora somente hoje tem conhecimentos mais aprofundados porque fez o Bacharelado cuja pesquisa foi na área de Educação. Se ela não tivesse realizado essa pesquisa, como estaria hoje? Suas concepções de Ensino e Planejamento seriam diferentes das dos seus colegas, sujeitos dessa pesquisa? Afinal ela passou pelos mesmos problemas e dificuldades dos seus colegas estagiários e suas limitações também não foram diferentes. A pesquisadora viveu a mesma realidade que eles e se não fosse pelas leituras que fez ao longo desta pesquisa, provavelmente sairia dessa Universidade sem o conhecimento mínimo de vocabulário pedagógico necessário ao professor, sem a construção de novos saberes, sem conhecimento da importância de se planejar o ensino através da reflexão. Possivelmente seria mais uma

professorinha, tradicional e criticada, voltada somente ao conteúdo programático, presa ao livro didático e sem aproveitar o ambiente escolar como objeto de pesquisa.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, N. N. S. A prática de ensino na Universidade Federal de Uberlândia: uma contribuição para a formação didático pedagógica do biólogo. Ribeirão Preto: UNAERP, 1991.

CARVALHO, A.M.P. Prática de Ensino: os estágios na formação do professor. 2. Ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

CARVALHO, A.M.P. & GIL-PÉREZ, D. Formação de professores de Ciências. São Paulo: Cortez, 1993.

CATANI, D.B. *et al.* Docência, Memória e Gênero: Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras editora, 1997.

FREIRE, M. Avaliação e Planejamento: a prática educativa em questão. Instrumentos Metodológicos II. Série Seminários. São Paulo: PND, 1997.

GAGLIARD, R. & GIORDAN, A. La historia de las ciencias: una herramienta para la enseñanza. Enseñanza de las ciencias. 4 (3): 253-258. 1986.

GARCIA, R.M. Apontando para novos caminhos com os especialistas. Formação do Educador: A Busca da Identidade do Curso de Pedagogia. Série Encontros e Debates, 2. Brasília: INEP, 1987.

HERNÁNDEZ, F. Transgressão e Mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

KRASILCHIK, M. Prática de Ensino de biologia. 3. ed. São Paulo: HARBRA, 1996.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

- LEMBO, J.M. Por que falham os professores. Traduzido por Maria P. Brito e René F.J.Charlier. São Paulo: EPU, 1975.
- MARTINEZ, M.J. & KLAHORE, C.E.O. Planejamento Escolar. Traduzido por Maria Aparecida V. Biendo e Sandra M. Lunardi. São Paulo: Saraiva e Fenâme, 1977.
- MARTINS, M.C. Repensando o planejamento de ensino da arte. Instrumentos Metodológicos II. Série Seminários. São Paulo: PND, 1997.
- MENEGOLLA, M. & SANT'ANNA, J.M. Por que planejar? Como planejar?: Currículo - Área - Aula - Escola em Debate. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MENGA, L. & ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MOREIRA, M.A. O professor pesquisador como instrumento de melhoria do ensino de Ciências. Em aberto, Brasília, ano 1 no. 40 out/dez. 1988.
- MORTIMER, E.F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de Ciências: Para onde vamos?. Anais da III Escola de Verão

para Professores de Prática de Ensino de Física, Química e Biologia; Serra Negra, São Paulo, 9-15 outubro de 1994.

RIANI, D.C. formação do Professor: a contribuição dos estágios supervisionados. São Paulo: Lúmen, 1996.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa - ação. 5. ed. São Paulo: editora Cortez e autores associados, 1992.

TRIVELATO, S.L.F. Perspectiva para a formação de professores. Anais da III Escola de Verão para Professores da Prática de Ensino de Física, Química e Biologia; Serra Negra, São Paulo, 9-15 de outubro de 1994.

TURRA, M. G. *et. al.* Planejamento de ensino e avaliação. 10. ed. Porto Alegre: SAGRA, 1981.

VASCONCELOS, C.S. Planejamento: Projeto de Ensino - Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. 5. Ed. São Paulo: Libertad, 1999.